

## 6. Análise

Neste capítulo, procederemos à análise do *corpus* de *redações do vestibular*, enfocando aspectos discursivos e sociais, através do estudo de sua estrutura textual e convenções lingüísticas e de sua realização como processo social. Para tanto, buscaremos apresentar respostas para as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1- Como se caracterizam as *redações do vestibular* em termos de sua configuração textual?
- 2- Como se caracterizam as *redações do vestibular* em termos de processos sociais?
- 3- Como se caracterizam as *redações do vestibular* em termos do discurso acadêmico?

Para respondermos à primeira pergunta, analisamos os diversos tipos textuais que ocorreram no corpus de análise, identificando-os e verificando a relação da escolha tipológica com o grau de eficiência dos textos. Além disso, analisamos a estrutura argumentativa das redações, identificando as seqüências argumentativas, as perguntas retóricas constantes do corpo do texto e dos títulos, identificando-as e discutindo sua relação com o grau de eficiência dos textos.

Para respondermos à segunda pergunta, identificamos e exemplificamos os itens lexicais que fazem referência às situações vividas pelos candidatos e que aparecem nos seus textos, ou seja, analisamos a relação do texto com o mundo extra-texto. Além disso, analisamos a relação do uso desses itens, que fazem referências exofóricas, com o grau de eficiência dos textos. Procedemos, além disso, à identificação e exemplificação de *nominalizações* versus *processos*, analisando a relação de preponderância de um sobre o outro e sua relação com o grau de eficiência dos textos. Outra questão analisada foi a marcação da subjetividade nos textos, através da identificação do uso da primeira pessoa e da voz passiva, sendo essa uma forma de não marcação da subjetividade e aquela uma forma de marcação da mesma.

Para respondermos à terceira pergunta, discutimos que a utilização de variadas seqüências tipológicas não teriam necessariamente relação com a constituição de um texto pouco acadêmico; que o uso de argumentos dicotômicos, que tendem a marcar uma relativização das coisas, pode indicar um texto pouco acadêmico; que o uso de argumentos criativos, talvez por uma questão cultural, é

valorizado dentro desse gênero, devido ao fato de retratar um domínio superior e excepcional do mesmo. Além disso, discutimos que o uso constante de marcas de subjetividade tende a retratar um texto com envolvimento (Biber, 1988; Oliveira, 1997); que o uso constante de *nominalizações* atende às exigências do discurso acadêmico, por transpor fatos para o mundo das idéias, através de abstrações; por último, que o uso pouco freqüente de marcas de subjetividade traduz as exigências do discurso acadêmico.

## 6.1.

### **A redação do vestibular em termos de configuração textual**

#### 6.1.1.

##### **Seqüências tipológicas e eficiência dos textos**

Neste item, foi feita, como parte da análise, a identificação e exemplificação dos diferentes tipos textuais (Marcuschi, 2002), incluindo descrições, narrações, argumentações, exposições e injunções, que aparecem nos textos do *corpus*, sendo esse procedimento realizado nas redações que receberam diferentes notas, em diferentes universidades. Para identificarmos estas tipologias, nos baseamos em traços lingüísticos que, segundo Marcuschi (2002) as caracterizam (cf. Capítulo 4, item 4.2)

Cabe aqui ressaltar que, nos três grupos de textos que compõem o *corpus* de análise, foi solicitado que os alunos escrevessem um texto *argumentativo*, como ocorre na proposta da UFV, sendo esse geralmente o *tipo* de texto exigido pelos vestibulares e concursos acadêmicos atuais.

Marcuschi (2002, p.25) afirma que “[é] evidente que em todos os gêneros também se está realizando tipos textuais, podendo ocorrer que o mesmo gênero realize dois ou mais tipos. Assim, um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo).” (idem, p. 25). Com isso, partir-se-á para a verificação da ocorrência das tipologias textuais no *corpus* de análise. Foram enfatizadas principalmente as seqüências tipológicas argumentativas, narrativas, descritivas e expositivas, por terem essas maior recorrência. A seqüência injuntiva foi identificada e, somente por vezes, discutida.

Para melhor sinalizarmos a identificação das seqüências, foram utilizadas as marcações de **negrito** para as narrativas, *itálico* para as descritivas, sublinhado

para as expositivas e a ausência de marcação especial corresponde às seqüências argumentativas. Devido à tênue diferença entre as seqüências *expositivas* e *argumentativas*, uma vez que ambas se constituem ou podem se constituir por grupos nominais-sujeitos, verbos no presente, e complementos compostos por grupos nominais, que, por vezes, se apresentarão nos textos, acrescentaremos à proposição de Marcuschi exposta acima o critério do ‘*consenso*’. Dessa forma, só serão seqüências tipológicas *expositivas* aquelas em que se apresentarem enunciados assertivos, que sejam aceitos sem discussão, ou seja, enunciados que se impuserem como inquestionáveis, como válidos em qualquer circunstância. Àqueles que puderem ser colocados em discussão chamaremos de argumentativos, uma vez que terão, por sua força de proposição, a finalidade maior de convencer o interlocutor do seu valor de verdade e aceitabilidade.

Procederemos à análise de cada grupo de textos do *corpus* separadamente, primeiro identificando as seqüências tipológicas e, posteriormente, analisando a relação das mesmas com o grau de eficiência dos textos. Primeiro será analisado o grupo 1 (textos da UFV); em seguida, o grupo 2 (textos da UFOP); e, por fim, o grupo 3 (textos da PUC-Rio).

### **Grupo 1: Redações da Universidade Federal de Viçosa - UFV**

Começaremos, então, essa parte da análise examinando o texto de um candidato para o curso de Direito, da UFV, cuja nota foi 1.33.

(V1, D1, 1.33)<sup>12</sup>

#### VIRTUDE OU PECADO CAPITAL

**A globalização, o capitalismo e o consumismo tornaram pecado em virtude, transformaram água em vinho. Assim as pessoas foram condicionadas para terem inveja, dessa maneira sustentando o sistema em que vivem. Porém a inveja é ainda um pecado, do ponto de vista humanista, e apesar de sustentar o sistema levará o mundo a destruição.**

A única maneira de sustentar o capitalismo é sustentar sua superprodução com um superconsumismo. **Por exemplo, a crise da bolsa de valores de Nova York de 1929, em que a produção superou o consumismo, mostra como é frágil essa meta de sustentabilidade. Desde 1929 forçou-se ainda mais um condicionamento para se ter inveja e consumir, utilizando-se o cinema, a televisão e a cultura em geral.**

<sup>12</sup> A título de explicação V significa que o texto foi do vestibular da UFV, D significa que foi produzido por um candidato ao curso de Direito e 1.33 foi a nota atribuída ao texto, o que equivale a 26,66 %. Os percentuais foram calculados por regra de três, com a finalidade de serem apresentados índices da mesma natureza e, portanto, compatíveis para todos os três grupos.

**Contudo, hoje, o problema não é do lado do consumismo, que está em alta, o problema está na produção quase continuada esgotará toda natureza da terra, que é sua matéria-prima, assim destruindo o mundo e paradoxalmente o próprio sistema.**

Inveja: pecado ou virtude? Eis a questão, e da resposta virá o futuro da humanidade.

Podemos perceber nitidamente que o candidato se utiliza muito do tipo textual narração, indicado em negrito, como partes de tipologia textual narrativa, caracterizada por verbos que indicam mudança no passado conjugados com marcações de circunstância de tempo e/ou lugar. Em itálico, estão os verbos de mudança de estado e verbos no passado, por serem, como vimos, indicadores lingüísticos do tipo textual em questão. Talvez devido à necessidade de contextualizar historicamente o tema, ou seja, talvez, para atingir uma força enunciativa de conhecedor de fatos históricos, o candidato opte pela utilização dos trechos de tipo narração.

Outro fato interessante é a localização desses trechos. Pode-se ver que eles estão localizados no início do primeiro parágrafo, ou seja, na introdução, momento da construção textual em que o produtor vai apresentar e situar suas idéias a respeito do tema, e no final do segundo parágrafo, que está destinado nesse texto ao desenvolvimento da idéia apresentada no parágrafo introdutório, a título de exemplificação. O restante do texto, ou seja, as partes que não estão em destaque, enquadram-se no tipo argumentativo. Como podemos perceber, esse primeiro texto é constituído por uma heterogeneidade tipológica, uma vez que apresenta mais de um tipo textual.

Outra questão relativa ao texto acima seria o fato de haver nele apenas dois tipos de seqüências: as narrativas e argumentativas. Apesar de haver outros tipos de seqüências como a descrição e a exposição em um grande número de textos do *corpus* de análise, a ocorrência desses dois tipos, a narração e a argumentação, é a que se apresenta com bastante freqüência nos textos. Isso pode acontecer devido à própria natureza das propostas (vide metodologia), que estão requerendo textos de base estritamente argumentativa, fazendo ocorrer, assim, uma intensa utilização desse tipo textual. Quanto à explicação sobre a intensa ocorrência do tipo narrativo, pode ser inferido que esse tipo tem a motivação de situar historicamente, de contextualizar os conteúdos e idéias a serem explorados no decorrer do texto, daí virem intensamente no parágrafo introdutório, quer no

início ou no final do mesmo. Evidências semelhantes de explicitação do contexto foram encontradas por Oliveira (1997, 2002) também em redações de alunos, embora estes já tivessem cursando o primeiro período da universidade.

A redação abaixo, do curso de Comunicação Social, também da UFV, mostra uma utilização diferenciada de seqüências tipológicas.

(V45, C 15, 4.66)<sup>13</sup>

***A INVEJA E O DESMORONAMENTO DA SOCIEDADE ATUAL***

**O mundo tem assistido nas últimas décadas ao fortalecimento da economia neoliberal.** Diante desse fenômeno, expande-se por toda parte a busca desenfreada pelo lucro, o que modela a sociedade do século XXI nas diretrizes do consumismo.

**A globalização tornou-se selo de identificação de muitos países.** Sorrateiramente, ela delimita a maneira de ser, pensar e agir das pessoas. Contudo, essa falsa impressão de promover a igualdade entre as nações esbarra em um aspecto. Suas influências tanto nas interações culturais como nas econômicas e políticas estão, cada vez mais, temperadas pela competitividade e pela superação. A disseminação desses princípios consolidada dentro da sociedade e prática de um ato pouco louvável, a inveja.

Os cidadãos, estimulados a vencer e a ter, encaram a conquista do outro como um forte impulso a superá-lo. Um bom exemplo da ação da inveja está nas relações internacionais. O crescimento do antiamericanismo, muitas vezes, sustenta-se na atuação de países que, não conseguindo alcançar a posição hegemônica dos Estados Unidos, acabam se opondo a sua ações.

Essa necessidade de superar e derrotar afirma, pouco a pouco, a construção de uma humanidade desigual, adormecendo sentimentos importantes como a solidariedade. Com isso, a globalização, ao estimular a inveja, substitui as bases da sociedade. Essa realidade pode implicar em um possível desmoronamento.

No texto acima, há uma quase que totalidade de seqüências tipológicas argumentativas (trechos sem destaque), que se caracterizam pelo uso de verbos no presente, especialmente o verbo ser, a complementos com atribuição de qualidade. Há apenas duas pequenas inserções do tipo narração (em negrito), no início do primeiro e do segundo parágrafo, que foram empregadas talvez com a intenção de contextualizar a tese a ser defendida e situar o primeiro argumento, por isso, com esse objetivo, foram incluídas no início da introdução e no início do desenvolvimento. Não há aqui também a ocorrência de nenhuma das demais seqüências tipológicas, o que serve para reafirmar a tendência mais marcada nos textos, que é a ocorrência apenas de seqüências argumentativas e narrativas.

Até o presente momento, a análise da tipologia textual nos mostrou que há preponderância dos tipos argumentação e narração sobre os demais e que, além

<sup>13</sup> C significa que a redação foi realizada por um candidato ao curso de Comunicação Social, nota equivalente a 93%.

disso, há posições estratégicas para o uso de certas seqüências. Há também o fato de que a narração tem funções específicas, como contextualizar o tema, exemplificar o tema, manter a relação entre as partes do texto, contribuindo para a manutenção de sua estrutura global. Acima de tudo, a análise nos mostrou que há heterogeneidade tipológica nos textos.

Sobre o grau de eficiência dos textos e sua possível relação com as escolhas tipológicas, poderia ser pensado que a ineficiência do primeiro texto transcrito no item anterior, que obteve apenas 26,6%, pudesse ter relação com a intensa utilização das seqüências tipológicas narrativas. Com o intuito de estabelecer uma relação, a fim de verificar se isso realmente procede, veremos, então, o texto a seguir, por ser um texto eficiente, que obteve nota equivalente a 87%, proveniente da mesma Universidade e do mesmo curso. Primeiro iremos qualificar e quantificar as seqüências tipológicas e, depois, discutiremos a relação das tipologias com a nota atribuída.

(V15, D 15, 4.33)<sup>14</sup>

*INVEJA: O "PECADO" QUE LEVA AO SUCESSO*

Condenado pela Igreja durante toda a Idade Média e, com menos intensidade, no mundo globalizado, a inveja assume uma nova faceta, cada dia mais valorizada e difundida como estímulo ao sucesso de qualquer indivíduo.

**O início das Grandes Navegações e do conseqüente processo de globalização marcou a transição de uma sociedade teocêntrica para outra antropocêntrica. Assim, o homem passou a ser regido por seus próprios princípios, dentre eles a inveja, principal reflexo de um regime capitalista que começava a se esboçar.**

**Consolidada e intensificada a globalização, percebe-se que a inveja, na prática, perdeu seu caráter de pecado condenável, pois tornou-se qualidade indispensável à sobrevivência do homem** numa sociedade regida por um sistema no qual as desigualdades são necessárias para o sucesso de um seletivo segmento social.

Não há dúvidas de que a inveja é a principal "arma" do capitalismo, pois, assumindo a conotação de desejo, ela impulsiona uma parcela da sociedade ao consumo desenfreado, ao mesmo tempo que exclui outra parcela que não possui renda para tal, agravando assim as desigualdades, claro fermento para a inveja.

Portanto, percebe-se que a inveja, denotativamente, permanece um pecado para a humanidade, mas, conotativamente, é cada vez mais disseminada como forma de o ser global obter destaque entre os outros, os seus supostos concorrentes.

A respeito do texto acima, há também a utilização apenas de seqüências tipológicas argumentativas e narrativas. Além disso, podemos apontar o fato de que, embora tenha apresentado uma grande parte de seqüências tipológicas

<sup>14</sup> Nota equivalente a 87%.

narrativas, semelhantemente ao primeiro texto analisado, esse texto foi avaliado como eficiente. Há, entretanto, uma diferença, com relação ao primeiro, que é a localização dessas seqüências (vide trechos em negrito). Ao invés de se localizarem na introdução e no final do desenvolvimento, como ocorre no exemplo anterior, essas seqüências aparecem após uma seqüência argumentativa, cujo papel é introdutório, ou seja, é usada para situar a tese a ser defendida no decorrer do texto, com o propósito, talvez, de contextualizar historicamente a tese defendida na seqüência dissertativa que a antecede, ou seja, com o objetivo de sustentar a idéia proposta. Dessa forma, pode se concluir, de antemão, que não seria a utilização de seqüências tipológicas de outra natureza, em detrimento da argumentativa, que definiria o grau de eficiência ou não dos textos, mas sim a finalidade do uso das mesmas, a relação que elas têm com o todo do texto, e imediatamente com as partes anteriores e posteriores com que se relaciona. Dessa forma, podemos supor que é muito mais útil e justificável fazer uso de uma seqüência narrativa com a função de sustentar uma tese do que simplesmente situá-la, como ocorre no primeiro texto analisado.

Soma-se a isso o fato de que há, no exemplo supracitado, uma tentativa de se manter um fio condutor da tese apresentada na introdução, mantendo clara a motivação do uso da narração.

Pode-se ver, com os exemplos apresentados até agora, que a utilização de tipologias textuais diversas não está servindo para determinar o grau de eficiência das redações, tendo em vista o fato de que na primeira (exemplo V1) houve intensa utilização do tipo narração, e a redação foi avaliada como insuficiente; a segunda (exemplo V45) não apresentou muitas seqüências tipológicas narrativas e foi considerada uma redação eficiente; já na terceira (V15) também houve intensa utilização do tipo narração, com quase a mesma quantidade que na primeira, e a redação foi avaliada como eficiente. Dessa forma, podemos pensar então que, como já foi sinalizado anteriormente, não é a utilização ou a não utilização de tipologias textuais diversas que contribuem para o grau de eficiência do texto ou o determinam, mas a função que têm essas seqüências com relação ao conjunto, à globalidade da construção textual elaborada nesse contexto, de acordo com seu propósito comunicativo. Além disso, o grau de eficiência dos textos estaria ligado ao modo com que as seqüências estão “costuradas” dentro do texto e por meio de quais instrumentos. Dessa forma, podemos dizer que há heterogeneidade

tipológica nos textos, entretanto, ela não está diretamente relacionada à nota das redações.

## Grupo 2: Redações da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

O exemplo a seguir, retirado do grupo de textos da UFOP, também nos parece interessante para discutir principalmente a questão do uso da narração.

(OP8, L08, 9.0)<sup>15</sup>

### *ESSA TAL TECNOLOGIA*

Todos os dias estamos evoluindo, cada dia mais rápido, **antigamente era o rádio a manivela**, hoje o som de Cd e amanhã, bom amanhã não sabemos, o que é certo e amanhã Teremos outras invenções tecnológicas e junto com esse avanço virão também novas formas de linguagem.

Não sei onde iremos parar e quantas novas línguas iremos inventar, o certo é que meu avó, já não entende seus próprios netos e minha tia tem micro-ondas e não usa, ela diz que não gosta de usá-lo, na verdade ela não sabe nem mesmo liga-lo.

É certo que com tantos avanços a cada dia que passa estamos mais informados dos acontecimentos pelo mundo como: guerras, assaltos, problemas sociais e econômicos, tudo isso graças a TV, a internet, falando em internet em meus e-mails (que) **descubri que está sendo criado um novo idioma ontem mesmo descobri que vc significa “você” e até eu que meu avó me chamava de moderninha** tenho que adaptar-me às novas formas de linguagem.

O que é certo que querendo ou não somos obrigados a adaptar-nos a essa tal tecnologia para que não nos tornemos os chamados analfabetos do futuro ou seria analfabetos tecnológicos. Ah, sei lá o que certo e que estamos refêns dessa tal tecnologia.

A localização dos trechos narrativos nesse texto é um tanto quanto curiosa, porque o primeiro encontra-se no início da introdução (o que é recorrente), e teria a função estabelecer um paralelo entre o ontem (ou antigamente), o hoje e o amanhã, o que seria absolutamente cabível e aceitável, ou seja, o que estaria totalmente em confluência com os propósitos comunicativos do gênero, dentro do contexto situacional e cultural, tendo em vista que esse movimento de situar a idéia é previsível e esperado, porque sem isso, não haveria possibilidade de iniciar a apresentação dos argumentos. Isso pode estar acarretando uma certa falta de clareza quanto à função da utilização da referida seqüência dentro do conjunto do parágrafo, bem como sua relação com o todo, devido ao fato de não parecer claramente justificável a utilização desse tipo textual, o que acarreta certa inadequação com relação ao contexto global da estrutura textual. O segundo trecho de base tipológica narrativa encontra-se no

<sup>15</sup> OP significa textos do vestibular da UFOP, L significa curso de Letras e a nota equivale a 45%.

final do desenvolvimento, e está servindo como exemplificação da idéia central que está sendo defendida no texto.

Esse texto (OP8), com relação a essa questão, é muito interessante, porque, apesar de apresentar somente uma pequena seqüência narrativa (em negrito), é tido como um texto mediano, porque obteve 45% como nota, o que serve para reafirmar nossa conclusão inicial a respeito de que a escolha de tipos textuais não tem relação direta com o grau de eficiência dos textos. Podemos, assim, afirmar que não seria somente ao emprego de seqüências narrativas que definiria o grau de eficiência do texto, mas sim, como já dissemos e é comprovado com o texto imediatamente acima, a utilidade da seqüência e sua relação com os outros segmentos formadores do todo, da tessitura textual.

### **Grupo 3: Redações da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio**

Agora analisaremos um texto da PUC-Rio, que também nos servirá para a abordagem da utilização da tipologia narrativa.

(P16, E01, 0.0)

#### ***IDEOLOGIAS PARA A VIDA***

**O desenvolvimento tecnológico, aliado a ambição do homem, levou o mundo a uma era, na qual se pode, em questão de segundos, viajar para qualquer lugar, conhecer diferentes culturas, viver o período da Primeira Guerra, isso e muito mais sem sair de casa.** Mas, como tudo em excesso faz mal, às vezes essa “ambição do homem” é confundida, podendo ocasionar um debate que bota em xeque muitas culturas.

**Poucos anos atrás, em consequência do monstruoso avanço da genética, o mundo dava as boas vindas para o primeiro clone criado em laboratório: a ovelha Dolly. Por um lado, é magnífico ver e imaginar (se for possível) até onde a ciência pode chegar, mas por outro, eclodiram diversos choques religiosos e culturais entre ocidente e oriente.** Os orientes de religião muçulmana, por exemplo, acreditam que Deus é a origem de tudo (criacionismo). **Deus criou o homem e a natureza que convivem em perfeita harmonia.** Acreditam também que os ocidentais, com essa mania de quererem ser Deus, desafiam-o, quebrando assim o equilíbrio.

Ainda hoje, os conflitos ideológicos continuam, só que em proporções maiores. O homem já pode criar o homem. O DNA humano está todo mapeado, só esperando a liberação para se duplicar. A clonagem é bem vinda, desde que seja para causas nobres como a cura de doenças, por exemplo.

Embora a ciência seja algo lindo, às vezes ludibria e transforma a maneira de ver o mundo de alguns indivíduos. Surge o pensamento antropocentrismo e o homem acha que é Deus. Passa por cima de culturas como quem espirra. Não liga para nada nem ninguém.

O desenvolvimento tecnológico é importante porém preocupante. O mundo precisa desse avanço, um avanço que deve respeitar a crença e os princípios de todos, e se mesmo assim continuarem as desavenças, a natureza dará seu jeito.

O texto acima, embora tenha tido nota zero (0%) serve para a exemplificação de um modelo, que é inclusive recorrente, em que há a utilização das seqüências narrativas no início do primeiro parágrafo, que é o introdutório, e no segundo, que é o parágrafo reservado ou destinado ao princípio do desenvolvimento da idéia/tese. Entretanto, o grau de eficiência do texto, como já dissemos, não tem relação somente com a escolha dos tipos, uma vez que temos textos que se utilizam de variadas seqüências e são, mesmo assim, avaliados como sendo textos satisfatórios. Esse texto é tido pela banca como ineficiente, apesar de estar dentro de um modelo que é recorrente, talvez pelo fato de não ter sido cumprido o tema, ou seja, talvez por não ter tratado do assunto exigido pela banca, na exposição da proposta de redação (cf. Capítulo 5, item 5.2.2). O fato de tratar satisfatoriamente do tema exigido na prova é determinante da nota, e isso já é explicitado no manual do candidato e mesmo nas instruções da prova, como acontece no vestibular da UFOP.

Dessa forma, podemos reafirmar que a “mesclagem” de seqüências tipológicas não determina o grau de eficiência dos textos, mas a função que têm essas seqüências em função do todo. Sobre essa questão, Marcuschi afirma que:

Para o caso do ensino, pode-se chamar a atenção da dificuldade que existe na organização das seqüências tipológicas de base, já que elas não podem ser simplesmente justapostas. Os alunos apresentam dificuldades precisamente nesses pontos e não conseguem realizar as relações entre as seqüências. E os diversos gêneros seqüenciam bases tipológicas diversas (Marcuschi, 2002, p. 29).

Primeiramente, há a questão da dificuldade que têm os candidatos, sendo antes de tudo alunos, de organização das seqüências tipológicas de base, que se encontram no interior dos gêneros, constituindo-os. Essa citação parece também esclarecedora quanto ao fato de que “diversos gêneros seqüenciam bases tipológicas diversas”, o que nos leva a pensar que há no gênero *redação do vestibular* uma expectativa que se apresenta num modelo de recorrência tipológica, onde há uma maior incidência de alguns tipos, o que é determinado por seu propósito comunicativo, que é obter nota para ser aprovado no concurso do vestibular. Para isso, o candidato esforça-se por adequar seu texto ao que ele imagina que seja o modelo de configuração textual do gênero. Assim, como vimos nos textos analisados, há uma maior recorrência dos tipos argumentativo e narrativo, o que é absolutamente justificável tendo em vista a necessidade de situar proposições no tempo e no espaço, bem como apresentar mudanças de

estados das coisas, das idéias, das teses (tipos narrativos) e de apresentar proposições, a tese e seus argumentos de base. Os demais tipos de seqüência também são autorizados, desde que mantenham clara relação de utilidade para com o todo da tessitura. Não há grande diferença da utilização dos tipos textuais em relação às universidades geradoras do corpus de análise, uma vez que percebemos, com os textos analisados, que nos serviram de amostragem, que há certa recorrência quanto à escolha e inter-relação das mesmas no interior do gênero.

Para reforçarmos essa nossa visão, utilizaremos o texto a seguir, em que há uma intensa recorrência do tipo narração, e cujo grau de eficiência foi tido como satisfatório.

(OP32, T 17, 17.25<sup>16</sup>)

*A LINGUAGEM VIRTUAL*

**Outro dia, liguei o computador, e disse a mim mesma: chega de medo! a partir de hoje serei uma internauta.** (Confesso que a única coisa que sei fazer é ler os “e-mails” recebidos e reencaminhá-los).

**Chamei minha filha e pedi que me ajudasse nesta árdua tarefa. Prontamente ela providenciou senhas e códigos para que eu utilizasse o “MSN”, seja lá o que isso for.**

**Como demonstração, ela começou a conversar com seus amigos. Foi quando eu perguntei se ela sempre se comunicava em códigos. Suas mensagens eram uma profusão de “naúm”, “vc”, “pq”, que, creio eu, será necessário criar um dicionário para comunicação em meios virtuais. Isso sem contar que seus amigos são “artistas”. Surgiram palavras que eu nunca havia escutado, e nem vou me lembrar delas para escrevê-las aqui.**

**Comecei a me lembrar de quando tinha sua idade e a maneira como nos comunicávamos. Não que naquele tempo usássemos uma linguagem rebuscada. Não! Mas quando deparávamos com alguém que dizia palavras que não eram usuais, já pensávamos tratar-se de um “hippie” ou classe parecida.**

A medida em que a tecnologia avança, trazendo comodidade e encurtando distâncias, mais se distancia os estilos lingüísticos das gerações.

Como podemos ver, há, nesse texto, uma quase totalidade da utilização da seqüência tipológica narrativa (trechos em negrito), não significando, por isso, falta de adequação à proposta exigida pela universidade. Está sendo exigido que o candidato construa um texto que apresente argumentos a fim de convencer a banca de sua capacidade de construção textual voltada para a apresentação de uma tese e de seleção de argumentos que a sustentem. No caso do texto acima, o candidato apresentou a tese somente no último parágrafo, a título de conclusão. No entanto, toda a configuração textual, ou seja, todo o fio condutor do texto foi

<sup>16</sup> Nota equivalente a 86%.

desenvolvido com a finalidade de atestar, a partir da vivência do candidato/a, daí a utilização da narração, a tese a ser realmente apresentada no último parágrafo. Assim, através da análise dos tipos textuais, podemos confirmar que não é a utilização desse ou daquele tipo textual que vai significar eficiência ou ineficiência do texto, mas o uso que os alunos fazem dessas seqüências, como, por exemplo, para a manutenção do fio condutor do texto, sendo o texto, nessa perspectiva, concebido em sua totalidade.

A seguir, ainda com relação ao tratamento de seqüências tipológicas e sua relação com o grau de eficiência dos textos, tomaremos como material de análise e exemplificação a redação, realizada por um candidato ao curso de Letras da UFOP, cuja nota foi zero.

(OP1, L 01, 0.0)

#### **PREVISÃO DO TEMPO**

“Que saudades da terra e da infância querida”. **Para quem nasceu até a década de noventa sabe como** é jogar baralho com cartas, pular corda sem precisar ir a academia; telefonar para alguém rolando o discador, estudar no caderno brochura encapado com papel presente; ouvir música pelo rádio doméstico, contar o tempo no relógio com algarismos romanos, viver cada dia sem saber se amanhã poderia ou não chover. No dia-a-dia, o corre-corre da mãe de família para preparar o almoço e depois ir lavar as roupas no tanque. Chegar da escola e ir brincar de pique-pegas com os vizinhos na calçada, até chegar a hora do pai chamar para entrar, tomar banho, jantar e dormir.

Chinelos havaiana nos tempos de hoje, são moda. Aproveitar um tempo para descanso no trabalho e jogar paciência no computador. Ligar para o namorado no celular, só para saber onde ele está. Ir a academia de ginástica para manter a boa forma. Saber as horas no relógio digital para ir pegar o filho na escola antes que chova; conforme a previsão meteorológica para o dia. Em casa tudo pronto: roupa lavada e seca pelas máquinas de lavagem e secadora. Lanche preparado pela empregada doméstica. Tempo para agendar encontros sociais e profissionais.

*A família vai bem, tem tudo da última geração, o tempo passou muito rápido e não foi possível prestar atenção na lua e nas estrelas dessa noite.*

Podemos ver claramente, com o exemplo acima, que há certa inadequação das escolhas das seqüências tipológicas e sua relação com o gênero *redação do vestibular*. Há uma predominância da utilização de seqüências tipológicas descritivas, que se caracterizam pela descrição de fatos e coisas no mundo, através de verbos de estado e ação, mas sem marcação de mudança na linha do tempo (trechos em itálico) sem que haja visivelmente uma justificativa para tal. O texto se estrutura da seguinte forma: primeiramente o produtor se utiliza de uma analogia a um poema do escritor português Almeida Garret. Logo após, é apresentada uma seqüência narrativa curta, em que será introduzida uma marcação temporal delimitadora da construção de um espaço em que são incluídas todas as seqüências descritivas que virão logo após, ou seja, situa o leitor acerca

do fato de que pessoas que antecedem a década de noventa sabem de fatos que serão tratados, de forma descritiva, nas seqüências posteriores, e daí inicia a descrição de todos os hábitos típicos de quem nasceu até a década de noventa. No parágrafo subsequente, o produtor, após a introdução por uma curta seqüência expositiva, contrapõe hábitos que acontecem após a década de noventa, através de também uma série de outras descrições. Por fim, há a conclusão do texto por meio de uma curta seqüência descritiva e a finalização mesmo acontece com uma seqüência narrativa.

O exemplo (OP 1) acima mostra que não há objetivos que justifiquem a construção tipológica desse texto, por uma série de motivos. Primeiro porque não é corriqueiro se utilizar de tantas seqüências descritivas em um texto que se pretende argumentativo, porque, por mais que essas seqüências possam desencadear idéias a respeito de acontecimentos, de hábitos, como acontece aqui, é muito mais eficaz a adoção de seqüências argumentativas, ou mesmo expositivas, que dariam muito mais conta de expor idéias, acontecimentos e argumentos de fato persuasivos, corroborando para o propósito maior do gênero. Segundo, porque há inadequação da utilização das seqüências narrativas, uma vez que a primeira desencadeia espaço para se introduzir a série de descrições, porém não fornece subsídios suficientes para a apontarmos como realmente imprescindível para a construção da tessitura do texto; já a segunda seqüência narrativa é absolutamente despropositada, tendo em vista o fato de não fornecer nenhuma base para que se promova de fato a conclusão. E por fim, porque não há, com isso, uma construção textual que sustente uma base predominantemente argumentativa, como é exigido pela banca. Como podemos ver, esse modelo não é recorrente no *corpus* e tampouco justificável, porque há justaposição de seqüências tipológicas sem que essas estejam em consonância com as demais, nem com o todo do texto, nem com o propósito comunicativo do gênero, que é atestar habilidade de produzir um texto com linguagem formal, que, ao mesmo tempo, demonstre uma unidade, com coesão e coerência, ou seja, articulação de idéias, concisão, progressão, desta forma possibilitando que o candidato obtenha nota suficiente para sua aprovação no concurso vestibular.

### 6.1.2. Estrutura argumentativa

Nesta parte da análise, foram examinados os modelos das seqüências argumentativas ocorridas no *corpus* de análise. Em um primeiro momento, iremos identificar as referidas seqüências a partir dos exemplos. Posteriormente, discutiremos os modelos, bem como a superação dos mesmos.

Há inicialmente, a partir da leitura dos textos do *corpus*, uma pressuposição de que pode haver recorrência de um paradigma de constituição das seqüências argumentativas, determinado pela proposta da redação. Nesse paradigma argumentativo aparecem argumentos contrários e dicotômicos e, em fase conclusiva do texto, é acrescida uma carga emotiva. Isso pode acontecer se tomarmos a idéia de *topos*, inerente à teoria da argumentação (cf. Capítulo 2, item 2.2.). A relação entre esta pressuposição e a noção de *topos* é que esse conceito é tratado tomando-se conjuntos de crenças e costumes, que trazem cargas culturais e sociais, à escolha de argumentos. No caso das redações, a escolha de argumentos com carga emotiva pode estar ligada às crenças e costumes da cultura brasileira.

Começaremos pela abordagem de três redações de cada universidade, a partir das quais discutiremos a existência de modelos recorrentes, e, numa fase subsequente, abordaremos três, uma de cada universidade, para explorarmos a existência de textos que se realizam de forma intensamente dissonante do modelo de texto recursivo. A seguir, verificaremos a relação de conformidade ou não aos modelos e a atribuição de notas, que traduzem o grau de eficiência das redações.

#### 6.1.2.1. Modelos Argumentativos

##### *Grupo 1- Universidade Federal de Viçosa*

Na primeira redação a ser analisada abaixo, da Universidade Federal de Viçosa, curso Pedagogia – Licenciatura, cuja nota foi 3,0, equivalente a 60%, verificaremos o modelo argumentativo utilizado. Os argumentos dicotômicos foram destacados em negrito. Os itens em itálico se referem às marcações de carga emotiva e a relações interpessoais.

(V23, P08, 3.0)

*INVEJA: UM PECADO COM FORÇAS ALIADAS*

**Desde muitos anos a inveja vem tentando *dominar* a sociedade e atualmente encontra-se no auge do seu poder devido às forças aliadas como a globalização, o consumismo e a difusão das comunicações.**

A globalização, embora englobe o consumismo e a difusão das comunicações, ela tem suas forças baseadas na interação de blocos econômicos integrando países de diversas economias, despertando o *sentimento de diferenças entre ricos e pobres*.

A difusão dos meios de comunicação implica a propaganda dos mais variáveis produtos, atraindo um *consumismo desenfreado*, ou seja aí entra a *ação da inveja*, que impulsiona este consumismo a todo custo, *despertando a ganância*, onde o indivíduo está sempre atento em superar o outro, *custe o que custar*.

Portanto, hoje a inveja se torna cada vez mais forte, e com a ajuda de suas forças aliadas que impõem suas regras e leis, o indivíduo só tende a *competir, superar*, enfim estar sempre a frente, mesmo que para isso tenha que *impulsionar o outro para trás*.

Como podemos perceber, há um paralelo entre o papel da inveja antigamente e a força que ela assumiu na sociedade globalizada atual, uma vez que guarda forte relação com a competitividade, com o consumismo, como o individualismo, com a ganância. A isso, soma-se a capacidade que têm os meios de comunicação de massa, segundo os candidatos, de disseminar a lógica capitalista, aumentando ainda mais a perpetuação da inveja entre os indivíduos. Esses argumentos que enfatizam as relações interpessoais e que relacionam o tema com a realidade/sociedade são os mais usuais. Dessa forma, podemos dizer que essa redação enquadra-se no modelo mais recorrente de constituição da argumentação nesse grupo do *corpus*, que são os textos da UFV. Aqui é quase que esperado encontrar esse tipo de configuração da argumentação. Podemos perceber também que esse é um texto (V23) que teve uma avaliação mediana, por ter tido nota equivalente a 60%, ou seja, seguiu o “modelinho” e: conseguiu uma nota razoável. Sendo assim, pode-se afirmar que a inclusão nesse modelo não garante eficiência, o que pode ser confirmado por esse texto.

Desse modo, passaremos ao segundo exemplo, agora um texto de um candidato ao curso de Direito, da mesma universidade.

(V12, D12, 4.0)

*AS RELAÇÕES HUMANAS E A GLOBALIZAÇÃO*

A consolidação do sistema capitalista e a adoção da ideologia neoliberal proporcionaram além de profundas alterações sob a ótica econômica, modificações nas relações humanas. Diante disso, discute-se, atualmente, o desenvolvimento do sentimento de inveja do homem moderno, visto a valorização da competitividade e do individualismo.

É importante salientar que a abertura de mercados num mundo globalizado é determinante para o acirramento do mercado de trabalho. Esse fato evidencia tanto a concorrência entre as empresas globais quanto a disputa entre indivíduos por emprego e participação no sistema econômico do país.

Outro fator relevante que incita o surgimento da inveja na sociedade atual consiste na propagação do consumismo como base de sustentação da ideologia capitalista. É fundamental e preocupante considerar, ainda, a grave desigualdade na distribuição de renda existente no país como entrave às efetivas transformações sociais.

Nota-se, dessa forma, a necessidade de combater as disparidades sociais e a subordinação do bem coletivo em relação aos interesses econômicos, a fim de garantir a inclusão social e o resgate da cidadania. Para tanto, o respeito aos valores morais e éticos, bem como o desenvolvimento de programas voluntários de solidariedade se fazem essenciais.

Fica claro, portanto, que a globalização econômica e a padronização de costumes na sociedade atual confundem a busca por qualidade devida com o conceito de inveja, o que contribui para formar uma geração alienada politicamente e à problemática social brasileira.

Há, nessa redação, uma constituição argumentativa similar à anterior, em que se apresentam idéias relativas ao acirramento do sentimento de inveja na sociedade globalizada atual. Entretanto, nesse texto, ocorre uma diferenciação muito marcada com relação ao anterior, que é a dosada manipulação dos argumentos em função do propósito comunicativo do gênero, optando por incluir a inveja no contexto da globalização, incluindo aspectos sociais, políticos, mais ligados à realidade sócio-histórica e menos ligados a impressões afetivas sobre a mesma. No primeiro texto (V23), o produtor opta por se utilizar dos argumentos afetivos tendendo a uma maior carga de emotividade, optando inclusive por escolhas lexicais que retratem essa tendência (em itálico), tomando, por exemplo, inveja como *pecado*, como impulsionadora de um *sentimento de desigualdade entre ricos e pobres*, como *despertando a ganância*, onde um indivíduo está sempre tentando superar o outro. Já o segundo texto (V12) constrói sua configuração relacionando, de forma efetiva, o sentimento de inveja com a atual situação do mundo globalizado (vide trechos sublinhados), explorando muito mais esse mundo do que somente as relações interpessoais, como acontece no primeiro. Podemos perceber inclusive a forma com que o produtor do texto da universidade de Viçosa (V12) situa a questão da inveja já na introdução de seu texto, demonstrando primeiro que as modificações sociais contemporâneas modificaram também as relações interpessoais. Diante disso, tem-se a discussão sobre a inveja, e sua relação com a competitividade e o individualismo. A partir daí, então, o texto trabalha as motivações do sentimento de inveja, sempre deixando clara a relação do sentimento de inveja com acontecimentos e processos sociais.

O terceiro texto a ser analisado, ainda da UFV, servirá para confirmar a nossa idéia inicial de que há um modelo argumentativo recorrente, mas que ele não tem imediata relação com o grau de eficiência dos textos.

Na verdade, o que pensamos ser preponderante para a eficiência do texto quanto à configuração da argumentatividade, nesse grupo do *corpus*, é a maneira com que o produtor trabalha a relação da inveja com a atual conjuntura social, se ele parte do todo (da sociedade) ou se ele enfatiza as relações interpessoais pura e simplesmente. Cabe ressaltar que as relações interpessoais estão ligadas à subjetividade, ao indivíduo, termo aliás, bastante utilizado nos textos. Portanto, não basta o texto abordar o tema com argumentos plausíveis, mas é preciso que os argumentos sejam escolhidos em função do propósito comunicativo do gênero, que é não só abordar o tema, mas fazê-lo de forma clara, com concisão de idéias, com boa articulação entre as partes, seguindo um fio condutor, para que o texto seja considerado como eficiente.

(V32, C02, 1.33)

MAL SÓ GERA MAL

Considera-se o mundo de hoje totalmente *desumano*, sem amor, valores e respeito esquecidos na mente dos indivíduos.

A inveja tornou-se o *alvo principal* do ser humano que só sente-se *realizado* com a *derrota* e o *fracasso* do próximo. A cobiça da usurpação do bem alheio esta crescendo a todo instante ao lado da globalização.

Uns tem demais outros de menos, há os que conseguem tudo através da *mentira*, *corrupção* e até mesmo o *roubo* para se *darem bem*, mas não pensam nas consequências futuras, agem pelo impulso.

O efeito da globalização afeta a toda e qualquer classe social pois há países em que são pobres e atrasados não tendo acesso a nenhuma inovação tecnológica do planeta.

O grande *pecado* gira em volta dessa dessa desigualdade em que o *poder totalitário* almeja sempre estar *competindo* com os *menos favorecidos*.

É nítido o fato de que o escritor desse texto utiliza também argumentos recorrentes, ou seja, se utiliza da interface da inveja com o mundo globalizado (vide trechos sublinhados). Entretanto, há uma intensa apresentação de idéias muito marcadas do ponto de vista afetivo (em itálico), o que pode acarretar ineficiência do texto. Ao invés de tratar do tema inveja dentro do contexto da globalização apontando as relações entre os sistemas simbólicos e práticos da sociedade atual e os sentimentos gerados a partir do contato entre as pessoas, como o faz o produtor do segundo texto (V12), o autor desse texto trabalha o tema inveja no mundo globalizado de forma totalmente apreciativa, com julgamentos de valor, com intensas marcas de afetividade (em itálico), fato que não corrobora para a eficiência do texto, principalmente quanto ao grau de argumentatividade.

## Grupo 2: Universidade Federal de Ouro Preto

Passaremos agora a abordar textos do vestibular da UFOP, 2005 2, com o intuito de verificar se há realmente, também nesse grupo de textos do *corpus*, um modelo recorrente de constituição da argumentação e, se houver, qual é a relação entre a adoção desse modelo nos textos e o grau de eficiência dos mesmos.

(OP42, EP 10, 11.2<sup>17</sup>)

### DA CARTA AO EMAIL

A cada dia, os avanços tecnológicos tornam nossas vidas mais práticas e dinâmicas, e junto com os avanços surgem novas expressões e costumes que para os mais saudosistas tiram o encanto de antigas práticas.

*Quem hoje em dia envia uma carta a um parente querido, ou à namorada que está viajando sendo que pode enviar um email, muito mais prático e a mensagem chega bem mais rápido. A expectativa de se revelar um filme para se ver as fotos foi substituída pela praticidade da câmera digital, onde você já pode ver a foto poucos instantes após ser tirada, e caso você não goste da foto você pode apagá-la na mesma hora e tirar outra foto.*

Os avanços tecnológicos certamente tornam nossas vidas mais fáceis, no entanto, lembrar antigos costumes que hoje em dia já não se fazem necessários devido a tecnologia, será sempre bom pois através deles poderemos perceber a evolução da nossa sociedade.

Esse primeiro texto é elucidativo quanto à questão da apresentação de argumentos dicotômicos<sup>18</sup> e sua relação com o grau de eficiência dos textos. Argumentos dicotômicos são aqueles em que são apresentadas idéias contrárias, mas inter-constituintes, interdependentes, como se fossem duas faces da mesma moeda, que, embora, contrárias ou opostas, formam uma totalidade. Esse tipo de argumento pode se materializar em contraposições entre o passado e o futuro, entre o bem e o mal, entre o avanço e o atraso, dentre várias outras.

Sendo assim, podemos perceber que, logo na introdução, o produtor apresenta sua tese admitindo que a linguagem acompanha os avanços tecnológicos da sociedade, mas isso pode causar certo estranhamento nos mais saudosistas. Logo após, o produtor explora um paralelo entre ações corriqueiras no passado como enviar uma carta e revelar um filme e ações do presente como enviar um e-mail e tirar fotos em câmeras digitais, enfatizando os benefícios dos hábitos do presente em detrimento dos do passado. O autor encerra seu texto com o argumento de que, embora os avanços tecnológicos tornem nossa vida mais

<sup>17</sup> Nota equivalente a 55%.

<sup>18</sup> A primeira parte da dicotomia será destacada com itálico e a segunda será destacada com sublinhado.

facilitada, é sempre positivo relembramos velhos costumes, com a finalidade de percebermos a evolução de nossa sociedade. Notamos, com isso, certo apelo à afetividade, onde *relembrar* adquire valor muito mais sobre bases emotivas, do que sobre bases racionalistas.

Dessa forma, podemos dizer que são argumentos afetivos todas aquelas idéias apresentadas sobre bases não racionalistas, não abrangentes, mas sobre bases emotivas, nas quais a utilização de itens lexicais com marcada força semântica de afeto são corriqueiras.

Outra questão é o fato de que não há aqui uma tomada de posição de forma clara, nem uma seleção de argumentos que a sustentem. A utilização de argumentos dicotômicos e afetivos colabora com a não tomada de posição porque estes transmitem impressões emotivas sobre os fatos, o que não é, em nada, objetivo; e aqueles são, por si só, dúbios. O autor não trabalha o tema de forma eficiente, uma vez que o produtor se dedica mais à abordagem dos avanços tecnológicos em si do que sua relação com alterações na linguagem e o saudosismo. É inclusive recorrente esse fato, uma vez que vários produtores não trabalharam o tema em sua totalidade. Na UFOP, somente aqueles que não abordaram nenhuma das partes do tema, tiveram nota 0, por ser considerado fuga ao tema, ou seja, somente quando houve fuga total ao tema, o texto foi impossibilitado de ser avaliado, recebendo nota zero.

Dessa forma, podemos dizer que esse texto acima (OP42) apresentou argumentos dicotômicos e afetivos, e, talvez por isso, devido ao somatório desses dois tipos de argumentos, ele não foi considerado eficiente, mas mediano, obtendo nota equivalente a 55%. Outra motivação da ineficiência pode ser o tratamento do tema, que deveria ter ocorrido de forma mais clara, enfatizando a primeira parte exigida para sua abordagem, linguagem e avanços tecnológicos. O texto abaixo, entretanto, recebeu nota equivalente a 84%.

(OP31, T 16, 16.75<sup>19</sup>)

*SEM LADO NENHUM*

A evolução da linguagem e da tecnologia está diretamente relacionada com a evolução do ser humano. Num mundo contemporâneo onde um dia quase nunca é igual a outro, a praticidade e o dinamismo devem ser constantes e não há lugar para o saudosismo.

*Por mais que pudesse ser agradável ouvir discos na vitrola e escrever cartas de amor, a tecnologia fez com que isso tudo retornasse obsoleto. Hoje em dia, o homo sapiens moderno pode ouvir a música que quiser, onde e quando quiser. Além disso, podemos conversar e trocar mensagens instantâneas de qualquer lugar do mundo por um custo muito baixo.*

<sup>19</sup> Nota equivalente a 84%.

Na saúde e na área do bem estar pessoal a tecnologia também se destaca com tratamentos e medicações que acabam ou pelo menos amenizam problemas e situações antes consideradas irreversíveis.

Analisando o aspecto lingüístico, pode-se constatar que assim como a humanidade se alterou é diversificou, a linguagem não poderia ficar estática, presa no tempo. Cada vez mais expressões e neologismos são criados para atender a necessidade de uma linguagem dinâmica, rápida e facilmente compreensível.

*Podemos até ter perdido o sabor de ouvir o lado B de um disco do Chico Buarque, mas agora podemos assistir um evento ao vivo na Austrália enquanto conversamos com alguém na Suíça e acompanhamos o resultado dos jogos de futebol na Alemanha pela internet. E é claro, fazemos tudo isso ouvindo música na ordem que bem entendermos, sem ter o trabalho de ter que trocar lado nenhum.*

Podemos perceber, a partir desse exemplo (OP 31), que a constituição da argumentação nele segue o seguinte esquema: no primeiro parágrafo, há a apresentação de uma tese favorável aos avanços tecnológicos e contra o saudosismo. No segundo parágrafo, o autor estabelece um paralelo entre o passado e o presente, enfatizando a idéia de que a tecnologia é positiva. Acrescenta, no terceiro parágrafo a amplitude de alcance da tecnologia, dizendo que até mesmo na medicina há constantes avanços. Somente no quarto parágrafo, o produtor começa a tratar de aspectos lingüísticos e sua relação com a evolução do homem, explicitando a necessidade que tem o homem contemporâneo de se comunicar dinamicamente, rapidamente e de forma facilitada. Por fim, ele conclui seu texto apresentando exemplos dos benefícios trazidos pelos avanços tecnológicos, e explora a questão do saudosismo em relação a isso.

Além disso, cabe ressaltar que esse texto também apresenta argumentos dicotômicos, principalmente no segundo e quinto parágrafos (indicados em itálico e sublinhado), mas não centra sua constituição argumentativa à apresentação pura e simplesmente dos mesmos. Ele apresenta coisas relativas ao passado, mas enfatiza e deixa clara sua preferência pela praticidade das coisas do presente, tomando uma posição. Quando ele apresenta os argumentos dicotômicos, ele o faz com conhecimento de causa, mostrando a utilidade desses argumentos em relação ao todo do texto, deixando a banca à vontade para lhe atribuir nota eficiente.

Devemos ressaltar que o texto OP 31 não se enquadra em um modelo recorrente de constituição argumentativa nesse grupo de textos do *corpus*, nem quanto à defesa de tese a favor dos avanços tecnológicos (é recorrente defender idéias a favor do saudosismo) nem quanto à disposição dos argumentos no texto. Porém, como vimos, essa não inclusão no modelo recorrente não implicou em

ineficiência do texto, uma vez que ele recebeu uma das melhores notas atribuídas em todo o contingente de textos de candidatos a esse curso, ou seja, 84%.

Dessa forma, podemos afirmar que há, nesse texto, um modelo de constituição da argumentação: há apresentação de uma tese; há apresentação de argumentos dicotômicos (a favor e contra a tese); há apresentação de uma amplificação (exemplificação, generalização); há apresentação de efeitos (factuais, afetivos, subjetivos); e, por fim, há retomada da tese inicial.

Podemos concluir que quando um modelo existente, como o descrito acima, inclui seqüências ou argumentos de teor afetivo, ele passa a ser o modelo recorrente. Como apresentar argumentos de cunho afetivo não está de acordo com o propósito comunicativo do gênero, que tende ao objetivismo, ele não é bem aceito, ou seja, não é admitido como ‘eficiente’ pela banca. Assim, podemos afirmar que o ‘modelo recorrente’, com marcas de afetividade, não é considerado o ‘modelo eficiente’.

Passamos, a seguir, à análise do terceiro texto dessa universidade, onde tentaremos aprimorar a discussão sobre a constituição argumentativa nessa parte do *corpus* de análise.

(OP5, L 5, 5.65<sup>20</sup>)

*O OBSOLETO E A TECNOLOGIA*

Com a avançada tecnologia, percebemos o desuso de aparelhos com os quais tínhamos convívio e que deixaram saudade. É o caso de discos, fitas, computadores arcaicos e obsoletos.

*No auge da modernidade, os aparelhos eletroeletrônicos facilitam nossa vida como computadores com mais funções, máquinas de lavar louças e lavar roupas, sempre com mais praticidade e garantindo e economizando tempo.*

Mas algumas vezes bate uma saudade do arcaico, velho que nas horas de precisão já nos livrou de apuros. Como os antigos ferro a brasa, que além de muito pesados não precisava se esperar aquecer. Hoje a praticidade é alvo de preços exorbitantes, mas que nos deixam mais tranquilos.

Com tudo isso, percebemos que o moderno toma o lugar do antigo, nem sempre com o brilho, a praticidade e a economia de tempos atrás.

A constituição argumentativa desse texto é bastante interessante. O autor constrói um quadro de idéias no qual apresenta a existência de aparelhos antigos e atuais e sua relação com a praticidade e economia de tempo; em seguida, já no terceiro parágrafo, há uma tentativa de se estabelecer um paralelo entre o arcaico e o novo, havendo, por isso, um argumento dicotômico (indicado em itálico e sublinhado); para concluir, é feita uma sobreposição do moderno em detrimento

<sup>20</sup> Nota equivalente a 26%.

do antigo, e, é introduzida uma seqüência de teor afetivo, a partir de palavras como *brilho*, *praticidade* e *economia* que, segundo o produtor do texto, eram inerentes a tempos passados. Podemos afirmar, com base no texto acima, que esse, segundo a nossa observação, é o modelo mais recorrente, embora não seja o mais valorizado, uma vez que textos que seguem essa estrutura quase sempre são considerados ineficientes ou, no máximo, medianos.

Dessa forma, pode-se dizer que textos que apresentem argumentos dicotômicos de forma predominante e central, e que se utilizem de argumentos afetivos para indicar a definição de qual das partes da dicotomia eles irão de fato defender, são ineficientes em dois pontos. Primeiro porque quando o interlocutor opta por esse modelo dicotômico, ele quase nunca tem a oportunidade de expor de fato o que está defendendo, caracterizando, assim, falta de tomada de posição. Segundo, porque apropriar-se de argumentos afetivos para concluir a tese que não foi claramente definida se traduz em falta de objetividade, de racionalidade quando à seleção de idéias. Nesse texto, vemos que ambas as estratégias são negativas porque não corroboram para a finalidade do gênero, uma vez que tanto a apresentação de argumentos dicotômicos quanto a inclusão de argumentos afetivos não compõem um texto de teor dissertativo-argumentativo, por sua própria natureza vaga, pouco objetiva.

### ***Grupo 3: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro***

Por fim, analisaremos a constituição da argumentação no grupo de textos da PUC-Rio (P45), com o mesmo objetivo já exposto acima de discutir a relação entre o pertencimento ou não a um modelo e o grau de eficiência dos textos. Em seguida, tomaremos um texto escrito por um candidato a um curso da área de Administração, que obteve nota 5.0, o equivalente a 50%, sendo, por isso, um texto mediano.

(P08, CA 08, 5.0)

#### MUNDO REAL X MUNDO VIRTUAL

A vida dos seres humanos contemporâneos, cada vez mais, parece estar “virtualizada”. Isto se evidencia no cotidiano das pessoas, pois passam o dia inteiro entretidas em computadores e celulares; fazendo parecer que vivem num mundo dentro desses aparelhos.

No dia-a-dia nota-se que os seres humanos, cada vez mais, se comunicam com outros que estão a quilômetros de distância, mas não falam uma palavra com quem está a seu lado.

Assim como dão importância a fatos que ocorrem em outros países e muitas vezes não sabem o que está acontecendo na sua cidade ou até mesmo dentro de sua própria casa.

Este contato intenso que se tem com os meios de comunicação nos dias de hoje, leva a um desmantelamento das relações familiares e das relações estreitas de amizade.  
Portanto, devemos todos nos monitorar no sentido de utilizar os meios de comunicação a fim de estreitar as relações e não dissipá-las como se tem observado nos últimos anos.

Esse primeiro texto (P8) tem a formulação de seu esquema argumentativo primeiramente apresentando a idéia de que o ser humano hoje tem intensa relação com os meios de comunicação virtuais, no entanto, não fala uma palavra com quem está ao seu lado. Há nessa parte a expressão de um argumento dicotômico, uma vez que o candidato explora as duas faces da mesma moeda, ou seja, há um desenvolvimento tecnológico que possibilita a interação entre indivíduos, entretanto, os mesmos deixam de se comunicar com quem está próximo. Logo em seguida, o autor se utiliza de um argumento altamente afetivo ao dizer que o contato intenso com os meios de comunicação causa *um desmantelamento das relações familiares e das relações estreitas de amizade*. Por fim, o produtor, a título de conclusão, afirma que devemos nos monitorar no sentido de saber utilizar dos meios de comunicação para nos aproximarmos uns dos outros e não nos afastarmos, como tem acontecido na atualidade.

Podemos perceber que esse tipo de construção argumentativa, em que são acoplados argumentos dicotômicos e afetivos, ocorre com muita intensidade, não somente nesse grupo de textos do *corpus*, que é da PUC-Rio, mas também nos da UFV e UFOP. Isso pode ser lido como uma tendência de não se posicionar com relação ao tema, daí a apresentação de argumentos contrários, porém complementares. O fechamento do texto que se realizou, nesse modelo recorrente, através de um argumento afetivo também nos mostra a incapacidade que têm os candidatos de se apropriar de argumentos realmente palpáveis, objetivos, convincentes. Esses argumentos, entretanto, têm motivações culturais muito marcadas, uma vez que nossa própria cultura nos direciona a esse não objetivismo.

Segundo Bastos, Pereira e Fernandez (1989),

a sociedade americana é altamente letrada, enquanto que a sociedade brasileira privilegia a força da oralidade (cf. também Kato, 1986:40). Como num texto oral, nosso texto escrito mostra a preocupação com o efeito da fala sobre o ouvinte. Esse efeito é obtido especialmente por meio de desvios que trazem para o texto acadêmico marcas do texto literário. No Brasil, escrever/falar bem é, sobretudo, ser original, metafórico, criativo. Para Kant de Lima, este papel do nosso texto acadêmico é intuído pelos participantes da academia. Não há um treinamento específico para sua elaboração. Contudo todos identificam como texto acadêmico brasileiro aquele que apresenta marcas de literariedade, pessoalização, genialidade, inovação.

Pode-se dizer, assim, que o modelo real do texto brasileiro inclui argumentos contrários e complementares que mostram que os alunos brasileiros não se posicionam de forma efetiva com relação ao tema, o que retrata esse não objetivismo da cultura brasileira. Soma-se a isso, a preferência por argumentos de cunho afetivo, que retratam bem esse posicionamento subjetivo dos candidatos ao vestibular.

Em seguida, será trabalhado o segundo exemplo da PUC-Rio, agora de um candidato a um curso da área de Humanas e Letras, cuja avaliação foi 85%, ou seja, foi considerado um texto eficiente.

(P45, HL 14, 8.5)

#### COMO AGIR PERANTE A VIDA DE HOJE?

Penso que o mundo atual vive um momento único: tudo é muito rápido, há um “mix” de valores e as pessoas relacionam-se muito superficialmente uma com as outras em geral. Embora isso seja conveniente muitas vezes, percebo que enquanto avançamos tecnologicamente, vemos acontecimentos que denotam regressão.

Quando vejo um adulto indo diversas vezes numa semana a um McDonald’s, por exemplo, ou ainda, uma criança de sete anos usando sapatos altos, entendo melhor a situação de hoje, afinal os papéis estão trocados. É dessa forma que descubro que a crise paradigmática que o mundo vem passando, segundo historiadores, vem atingindo as pessoas cada vez mais diretamente.

Para mim, com este cenário globalizado que traz uma riqueza de culturas, conhecimento de pessoas, porém a incerteza de quem somos, foi gerado o que chamo de “Efeito Adolescente”, no qual cada indivíduo questiona seus valores, seus contatos, sua existência, ou seja, o sujeito tende a não saber ao certo como agir ou posicionar-se perante as situações, exatamente como a maioria dos adolescentes.

Com isso, resultamos numa desestruturação da ética social, o que contribui ainda mais para que esse quadro torne-se um ciclo.

Enfim, a tendência mundial é seguir progredindo em tecnologia, fazendo com que o “de imediato” prossiga. A crise humana existe, também, a verdade encontra-se atrofiada ou indefinida e é por isso que caba ao homem avaliar, coerentemente, o que ocorre em sua volta, para que acompanhe todas as mudanças que já aconteceram e as que virão. Além disso, acredito ser válida uma retomada dos valores tradicionais para que uma multidão saia da adolescência e avancemos, dessa maneira, em múltiplos sentidos.

É interessante a constituição argumentativa desse texto, devido ao fato de apresentar também argumentos dicotômicos. Já no primeiro parágrafo, o autor discorre sobre a atual conjuntura das relações inter-pessoais e logo em seguida questiona sua efetividade. Logo em seguida, o produtor embasa sua tese com o argumento de que há atualmente uma crise de paradigma. No terceiro parágrafo, ele acrescenta ainda outro argumento dicotômico, em que fala da face positiva e negativa da globalização e sua influência nos relacionamentos interpessoais. Para a conclusão, há uma retomada da idéia central, ou seja, retoma-se o fato de que a evolução da tecnologia tende a manter o imediatismo nas relações, causando, com isso, uma crise da humanidade com relação a seus valores. Propõe, para encerrar,

que haja uma retomada de valores tradicionais, para que a multidão possa avançar em múltiplos sentidos.

Pode-se perceber claramente, com isso, que há uma preocupação em se manter um fio discursivo que permita a inclusão de idéias variadas, mas que estejam em consonância com a tese central apresentada no início do texto. Vale ressaltar também que a escolha dos argumentos ocorre de forma cuidadosa, sempre relacionando questões relativas aos relacionamentos inter-pessoais ao contexto sócio-político atual, ou seja, à globalização.

Como já foi dito, textos que apresentem esse tipo de configuração argumentativa têm a tendência de serem avaliados como eficientes, o que demonstra que a adoção desse movimento de se tratar a questão dentro de um todo é interessante porque demonstra habilidade do candidato de perceber que as relações entre as pessoas são apenas parte de um sistema maior, que é a sociedade, sendo essa estruturadora de todos os hábitos e manifestações dos indivíduos que a compõem. Assim, como as redações analisadas por Oliveira (1997, 2002), estes candidatos vêm a sociedade como uma moldura maior que contextualiza indivíduos, famílias, grupos, etc.

#### **6.1.2.2.**

#### **Seqüências argumentativas e eficiência dos textos**

Ainda com relação ao texto acima, podemos afirmar que, em contrapartida, tratar só do afetivo pura e simplesmente, como vimos, não é o suficiente para estruturar de fato um texto de base argumentativa. Há também o fato de que o uso de argumentos de cunho afetivo, principalmente quando usados para concluir uma argumentação dicotômica, não são apropriados para esse tipo de configuração textual, tendo-se em vista o propósito comunicativo do gênero; entretanto, esta utilização pode estar ligada a aspectos culturais, como já dissemos.

Além disso, podemos afirmar que a própria utilização de argumentos dicotômicos demonstra que há uma tendência de se tratar a relatividade das evidências e pode estar ligada à própria construção dos temas propostos pelas Instituições, que, em si, já trazem consigo a possibilidade de se trabalhar os extremos de maneira acoplada, interligada. O uso desses argumentos não define o grau de eficiência dos textos. Entretanto, o *corpus* nos mostra que a utilização

desses juntamente com outros argumentos de cunho puramente afetivo, quase sempre coincide com a atribuição de notas que demonstram serem os textos ineficientes ou, no máximo, medianos.

Temos outros exemplos de redações que servem para clarificar a relação dos movimentos argumentativos e o grau de eficiência dos textos. Com relação ao texto OP42, estudado acima, no Grupo 2, podemos dizer que esse texto apresentou argumentos dicotômicos e afetivos, e, talvez por isso, devido ao somatório desses dois tipos de argumentos, ele não foi considerado eficiente, mas mediano. Outra motivação da ineficiência pode ser o tratamento do tema, que deveria ter ocorrido de forma mais clara, enfatizando inclusive a primeira parte exigida para abordagem “Linguagem e avanços tecnológicos”, em detrimento da segunda parte “entre a praticidade e o saudosismo”, fato que acontece em muitos textos e que contribui nitidamente para o grau de ineficiência a eles atribuído.

Com relação ao texto OP 31, também enfocado acima, podemos dizer que quando ele apresenta os argumentos dicotômicos, ele o faz com conhecimento de causa, de tal forma que deixa clara ao interlocutor a utilidade desses argumentos em relação ao todo do texto.

Passaremos, então, ao último texto do grupo da PUC-Rio, escrito por um candidato a um curso da área de Engenharia, cuja nota foi 2.0, ou seja, 20% do total, sendo considerado, portanto, um texto ineficiente.

(P18, E03, 2.0)

#### UM FUTURO SEM TEMPO

Atualmente vêm ocorrendo mudanças no comportamento humano. Isto devido a transitoriedade da vida. As pessoas não possuem mais tempo para si mesmo e, esquecem de coisas simples como o carinho e o amor. Tudo se tornou superficial e sem significado.

Primeiramente é preciso entender o que causa essas mudanças. Estas são consequência de uma efemeridade dos fatos. Hoje em dia, as informações chagam e saem muito rápido e em qualquer lugar. A população trabalha vinte e quatro horas por dia.

Em segundo, deve-se saber, também, o que acarreta desses desvios comportamentais. As pessoas, em geral não possuem tempo para fazer certas coisas, mas que são extremamente pertinente para o ser humano. Tal como dar atenção aos entes queridos, amar e ser amado e muitos outros.

Além disso, todo tem se tornado superficial. O que é bom agora, daqui à pouco se torna ruim e desnecessário. As relações entre as pessoas perderam seu significado e parece que as pessoas não amam mais.

Pode-se inferir, então, que a transitoriedade da vida tem causado mudanças no ser humano. A população não possui mais tempo para dedicar a si e tudo se tornou sem significado, já que as opiniões mudam rapidamente. As relações perderam o seu valor.

Nota-se claramente que o texto acima é dotado de um teor extremamente emotivo, o que pode estar acarretando ineficiência, devido a não preencher o propósito comunicativo do gênero, que seria construir um texto que atenda às exigências da banca, a fim de o candidato obter aprovação no concurso do vestibular. A tese central apresentada nele é o fato de que devido à falta de tempo, o ser humano passa por um estágio de transitoriedade, causando no ser humano uma perda de sentimentos nobres; isso advém de relações superficiais, como as que acontecem na atualidade. Podemos ver que não são apresentados argumentos que sejam realmente relevantes para o trabalho do tema, mas argumentos dispensáveis, pouco consistentes, argumentos de teor puramente afetivo e emotivo, tais como a menção a palavras que denotam afetividade como *carinho* e *amor*; de frases dotadas de afetividade como *dar atenção aos entes queridos*, dentre outras. Esse tipo de texto, em que se apresentam, em sua maioria, argumentos de cunho afetivo, emotivo, é considerado, em geral, ineficiente, ou, no máximo, mediano.

Assim, podemos concluir que há um modelo ideal de constituição do gênero *redação do vestibular*, que se aproxima ao máximo aos propósitos comunicativos do gênero, que exclui argumentos afetivos e dicotômicos, por estes irem de encontro ao objetivismo esperado num texto que guarda relações constitutivas com o discurso acadêmico. No entanto, este modelo não afetivo e não relativista não é um modelo recorrente, tendo em vista que o modelo real dos alunos brasileiros, como vimos, é constituído pela utilização de argumentos contrários, porém, complementares, o que retrata o relativismo, e de argumentos afetivos, o que pode estar refletindo nossa cultura não objetivista, exteriorizando nosso não posicionamento diante dos fatos concretos da realidade.

A partir de então, começaremos a tratar de outros tipos de elementos de configuração textual, ainda relativos à constituição argumentativa dos textos, como é o caso da ocorrência de perguntas retóricas no *corpus* de análise.

### **6.1.2.3. Perguntas retóricas**

Nesse item, nos propusemos a identificar e exemplificar perguntas retóricas e a trabalhar sua localização no corpo do texto, sendo a localização entendida como indicadora de sua função argumentativo-persuasiva, por ter relação de inter-dependência com o restante das partes que compõem o texto.

Primeiramente serão listadas as perguntas que ocorreram no corpo dos textos e explicitadas suas respectivas localizações. Numa segunda fase, trabalharemos aquelas que apareceram nos títulos.

Vale ressaltar que esse tipo de ocorrência de perguntas estaria relacionado à metafunção interpessoal da teoria sistêmico-funcional, uma vez que ela serve para travar um enlace entre o escritor e seu interlocutor, trazendo-o para dentro da própria construção do texto, e fazendo-o de forma evidente, o seu lugar de participante ativo na construção de sentido do mesmo.

Analisaremos cada pergunta separadamente, porque acreditamos que seja interessante discorrer sobre a utilização da pergunta em cada texto, devido à multiplicidade de funções que ela assume dentro dos vários textos em que ocorre.

Primeiramente, analisaremos o emprego da pergunta retórica, que está localizada no último trecho deste texto.

(V1, D1, 1.33)

Inveja: pecado ou virtude? Eis a questão, e da resposta virá o futuro da humanidade.

(último trecho)

É interessante notar que a pergunta retórica nesse primeiro excerto está servindo para finalizar o texto do candidato, fato que é muito inusitado. Constatamos que essa utilização só ocorre em apenas outros dois textos, e as perguntas estão transcritas logo a seguir.

(V24, P09, 3.0)

Então para compreendermos a está questão, eis a pergunta: “A Inveja é um bem ou um mal?”  
(última seqüência)

(P29, E14, 8.5)

É isso que queremos? Não. Devemos aproveitar a vida em seu devido tempo, independente de qualquer inovação que nos aparecer. (último trecho do texto)

Quanto à relação do uso dessas perguntas no final dos textos e o grau de eficiência dos mesmos, não temos dados suficientes para afirmar se a utilização dessas perguntas localizadas no último trecho dos textos pode assegurar ou não uma boa atribuição de notas, uma vez que há apenas três ocorrências de seu uso, uma em um texto considerado ineficiente (nota equivalente a 26%), a segunda em

um texto mediano (nota equivalente a 60%) e a terceira em um texto considerado eficiente (nota equivalente a 85%). Dessa forma, podemos sugerir que não há relação direta entre a utilização dessas seqüências e o grau de eficiência dos textos. No entanto, devemos agora explorar a relação que têm as perguntas retóricas para o todo do texto.

No primeiro exemplo acima (V1), há, logo após a pergunta, um apelo a um certo sentimentalismo, um argumento dotado de subjetividade. Será mesmo que o futuro da humanidade virá da resposta à questão do valor da inveja, entendida como virtude ou pecado? Pode-se perceber aqui que não é somente a utilização da pergunta retórica que está contribuindo para a construção do bloco de significação, mas a finalidade de seu emprego, que é a de introduzir um argumento de cunho afetivo.

No segundo exemplo acima (V24), podemos dizer que o produtor fez uso da pergunta retórica a partir do grau de inferência que pressupõe ter sido capaz de inculcar no leitor/avaliador, uma vez que a resposta a essa pergunta já está explicitada anteriormente no decorrer do texto. Com isso, há um movimento de fechamento da idéia ou de reafirmação da mesma, ou seja, já se sabe que a inveja é má, porque em um trecho precedente à pergunta retórica, o produtor já anuncia sua discordância ao poder exercido pela inveja a ponto de afirmar que devemos, como seres humanos, nos precaver para que a inveja não nos domine. Dessa forma, podemos afirmar que a utilização da pergunta retórica nesse texto foi simplesmente para marcar e para enfatizar o conteúdo já compartilhado no decorrer do texto.

Tomando agora o terceiro exemplo (P29), percebe-se que a pergunta retórica está sendo usada com o intuito de ligar a idéia anterior, de cunho possivelmente negativo, à idéia apresentada logo após a pergunta. Esse tipo de uso, com objetivo de ênfase, é recorrente no discurso político, no discurso jurídico, no discurso religioso, tendo origem na retórica clássica, em que o orador apresenta um argumento fraco, com teor negativo, e pergunta à audiência se é isso que é desejado, ou seja, se é desejado o teor negativo da idéia apresentada imediatamente antes da pergunta, para, depois disso, explicitar, com muito mais força, isto é, de forma muito mais enfática, o argumento mais forte, o positivo. Percebemos, com isso, que a utilização da pergunta retórica aqui é realizada com conhecimento de causa, sendo por motivo semelhante ao que origina o uso da

mesma em outras esferas sociais, donde emergem usos da linguagem com elevados graus de argumentação, e, por conseguinte, persuasão, uma vez que o discurso argumentativo é admitido enquanto gerador de persuasão, ou seja, enquanto um meio para se alcançar a persuasão, sendo esta entendida como o final do processo argumentativo (Breton, 1993).

Passaremos, nesse momento, à apreciação de perguntas retóricas localizadas no início ou final do primeiro parágrafo, geralmente destinado à introdução. Percebemos que a utilização das perguntas com essa localização está, quase sempre, servindo para chamar a atenção do interlocutor para as idéias que lhes seguem imediatamente no texto. Vejamos o primeiro caso, em que o candidato não só faz uso da pergunta na introdução, mas também no final do desenvolvimento da tese de seu texto. É interessante aqui o uso da pergunta acompanhada da resposta. Em ambas as ocorrências nesse texto é isso que acontece.

(V3, D3, 1.33)

Mas o que está por traz dessa globalização? O que sente um a pessoa ao ver o que as outras pessoas no mundo têm e ela não? Inveja. (final da introdução)  
e o que interessa no mundo capitalista? Lucro. (final do desenvolvimento)

Há, no nosso *corpus* de análise, grande utilização da pergunta no final da introdução, quer no primeiro, segundo, ou até mesmo terceiro parágrafo, com o objetivo de iniciar o desenvolvimento da tese, ou no final do desenvolvimento, com o objetivo de introduzir a conclusão; em ambos os casos, percebemos que há, a partir do uso dessas perguntas, uma tentativa de enfatizar o que será apresentado após, uma tentativa de travar com o leitor um pacto de atenção, de introduzir o interlocutor na própria constituição do texto, principalmente no tocante à relevância dos argumentos que serão apresentados *a posteriori*.

Dessa forma, apresentaremos, em seguida, um quadro que resume as funções desempenhadas pelas perguntas retóricas e a relação da função com o local em que aparecem nos textos.

Local	Função
Primeira linha	- Iniciar a apresentação da tese.
Início ou final do primeiro parágrafo	- Chamar a atenção do leitor para o que vem em seguida, ou seja, para como o texto será introduzido.
Final da introdução	- Iniciar o desenvolvimento da tese.

Metade do texto, indiferente do parágrafo	- Ligar idéias de peso diferente: idéia fraca ou de teor negativo a idéia forte ou de cunho positivo.
Final do desenvolvimento	- Introduzir a conclusão.
Final do texto	- Finalizar o texto - Fechar ou reafirmar uma idéia já expressa no texto.

Figura 4: Localização e função das perguntas retóricas

Abaixo, estão transpostos todos os trechos do *corpus* que apresentaram as referidas perguntas, de acordo com suas funções e localizações nos textos.

<p><b>Função: Introduzir desenvolvimento e/ou ligar ideais fracas às mais fortes</b> (V36, C06, 3.0) Mas porque dizer que os outros são capazes?! Onde estaria neste momento a auto-estima e auto-confiança, que é o mínimo que se pode ter? É assim que a maioria das pessoas se sentem quando se julgam incapazes de realizar algo que se deseja. (segundo parágrafo)</p>
<p>(V38, C08, 3.0) Qualquer coisa que coloque o outro acima de nós, seja conhecimento, renda familiar, bem de consumo, faz com que seja despertado em nós um sentimento de inveja e cobiça, além de tentarmos influenciá-lo até que atrapalhem os objetivos por ele almejado. É correto? Não, mas é necessário. (segundo parágrafo)</p>
<p>(V40, C10, 3.0) Ou será que há? A tal inveja boa existe? (terceiro parágrafo)</p>
<p>(V42, C12, 3.66) Perguntamo-nos então: Por que o desejo de ver o outro derrubado? (terceiro parágrafo)</p>
<p>(V43, C13, 4.0) O valor pensante dos indivíduos foi dissolvido pelo interesse do burguês. Como ele acumularia capitais senão pela exploração de seus empregados? (início terceiro parágrafo)</p>
<p>(OP6, L06, 7.75) O que seríamos sem essa tal tecnologia? (final do segundo parágrafo)</p>
<p>(OP27, T11, 13.15) Como se acostumar com essa instabilidade? (final do segundo parágrafo)</p>
<p>(OP35, EP 03, 0.0) seria o eficiente e rápido? Ou o prático e bonito? Não sabemos. (final do segundo parágrafo)</p>
<p>(OP39, EP 07, 9.7) Porque, apesar de tanta rapidez nos transportes, comunicações e serviços, parecemos cada vez mais sem tempo? Eu vou responder tal paradoxo. (segundo parágrafo)</p>
<p>(OP41, EP 09, 11.1) Para que falar que evoluímos se alguns acham que os discos de vitrola são mais gostosos de ouvir que o cd? Para que? (início do segundo parágrafo)</p>
<p>(P06, CA 06, 4.5)  As tecnologias estão encurtando o acesso entre os seres porém onde irá chegar esse conceito de exposição e da imagem onde o homem vive o futuro sem, ao menos enxergar o presente? (final do primeiro parágrafo)</p>
<p>(P14, CA 14, 8.5) O que mudou, se nossos anseios são os mesmos? (final do primeiro parágrafo)</p>

(P26, E 11, 8.0) Afinal, existe uma maneira eficaz de ter sucesso na vida sem deixar de lado o amor e a solidariedade? (final do primeiro parágrafo)
(P34, HL 03, 1.0) É difícil? (meio do segundo parágrafo)
(P36, HL 05, 2.0) Mas a pergunta é: Tecnologia, benefícios ou malefícios? (segundo parágrafo)
(P46, HL 15, 8.5) Se tudo na vida é efêmero, para que se prender a modelos e concepções que, muitas vezes, não agradam ao ser humano? Por que não aproveitar a vida ao máximo dentro de seus momentos felizes? É contraditório, porém é isso que acontece. (final do terceiro parágrafo)
<b>Função: Introduzir Conclusão</b> (V8, D8, 2.0) Mas será que a classe oprimida, de fato não pode reverter tal quadro? De fato não somente pode, como deve lutar para que valores (final do segundo parágrafo e início do conclusivo)
(OP27, T11, 13.15) De que adianta possuir mais conforto se a cada novo termo surgido através da mídia ou nas lojas informatizadas sentimo-nos diante da despedida de antigos objetos estimados? (quinto e penúltimo parágrafo)
(OP38, EP 06, 9.25) Não haveria possibilidade de empresas realizarem negócios no exterior sem meios de comunicação modernos e como viajaríamos sem meios de transportes rápidos e eficientes? (início do quarto parágrafo)
(OP41, EP 09, 11.1) O que faríamos sem a internet? (início do terceiro parágrafo, a conclusão)
(P09, CA 09, 5.0) Será que vale a pena essa nova era digital? (início do parágrafo conclusivo)
(P34, HL 03, 1.0) Não deveríamos ser sociedades avançadas? (início da conclusão)
(P40, HL 09, 6.5) E nessa hora, aonde esta a tecnologia para resolver? (final do penúltimo parágrafo)
(P46, HL 15, 8.5) E o que o homem faz perante isso? (meio do quarto parágrafo)

Figura 5: Perguntas retóricas no *corpus*.

Como vimos, há alguns textos que apresentam mais de uma utilização de perguntas retóricas, sempre nesses dois momentos: no fim da introdução ou no

fim do desenvolvimento. Isso demonstra uma certa tendência desses usos, com uma marcada função argumentativo-persuasiva. Como há ocorrência das perguntas em todos os três grupos de textos do *corpus* de análise, não podemos afirmar que seu uso seja exclusivo de apenas uma região ou estado. Na verdade, parece ser esse um elemento que transita em várias esferas de uso da linguagem, e que aparece nesse gênero, uma vez que este tem também marcada função argumentativo-persuasiva.

Outra questão também relevante é a grande incidência de perguntas retóricas nos textos de candidatos aos cursos de Comunicação Social da UFV (5 textos), de Engenharia de Produção da UFOP (4 textos) e da área de Humanas e Letras da PUC-Rio (4 textos). Poderia ser esperado que, por ter maior probabilidade de ecoar o discurso do meio jornalístico, de cunho altamente persuasivo, os textos de candidatos ao curso de Comunicação Social apresentassem um número significativo de ocorrências. Quanto ao grupo de textos da área de Humanas e Letras da PUC-Rio, por incluir os textos de candidatos de Comunicação Social, são identicamente esperadas as ocorrências. No entanto, quando observamos o número de ocorrências de perguntas em textos de candidatos ao curso de Engenharia de Produção da UFOP, ficamos surpresos e não temos, em um primeiro momento, subsídios para realizarmos qualquer interpretação para esse fato.

Além das localizações trabalhadas até agora, temos também a ocorrência das perguntas retóricas logo no início do texto, em seu preâmbulo. A seguir, temos a transcrição dos trechos onde elas ocorrem.

<b>Função: Iniciar a apresentação da tese.</b>
(V35, C05, 2.33) Será que só existe inveja ruim? Não, existe a boa, que seria explicada como admiração. (primeira linha)
(P01, CA 01, 1.0) Pressa, para que pressa? (primeira linha do texto)
(P09, CA 09, 5.0) Estamos realmente virando escravos da nova era digital? (primeira linha)
(P20, E05, 2.5) Na vida nada se cria tudo se copia sera que realmente está frase é valida? (primeira linha)

A utilização das perguntas retóricas logo no início do texto tem a função de iniciar a apresentação da tese a ser explorada e defendida no decorrer do texto, não de uma forma corriqueira, mas de uma forma já marcada por um teor argumentativo. No grupo de textos da UFOP, esse tipo de uso não ocorre, fato que não é significativo, porque há também nos demais grupos baixíssima ocorrência, aparecendo apenas uma utilização no grupo de textos da UFV e três no grupo de textos da PUC-Rio. Devemos atentar, no entanto, sobre a relação que tem a utilização das perguntas retóricas e o grau de eficiência dos textos, já que todos os quatro textos que apresentaram usos das perguntas na primeira linha do texto foram avaliados como ineficientes (1 uso) e medianos (3 usos).

Passaremos agora à abordagem de perguntas retóricas localizadas nos títulos. Para analisarmos a função das perguntas retóricas que aparecem nos títulos das redações, utilizamos quatro categorias, que foram identificadas a partir da apreciação das mesmas: as *dicotômicas*, que quase sempre intitulam textos que apresentam argumentos dicotômicos; as *reflexivas*, que propõem alguma indagação maior a respeito de alguma questão ampla; as *polêmicas*, ou seja, aquelas que sugerem tópicos polêmicos, que não podem ser respondidos apenas por sim ou não, mas que requerem uma longa discussão a respeito deles; e, por fim, as *criativas*, que exprimem algum tipo de humor. As perguntas dicotômicas estão identificadas em negrito, as reflexivas, em itálico, as polêmicas estão sublinhadas, e as criativas não têm nenhuma marcação.

(V5, D5, 2.0)	<i>“O HOMEM É LOBO DO HOMEM?”</i>
(V9, D9, 2.0)	<b>INVEJA: HUMANO OU ANIMAL?</b>
(V24, P09, 3.0)	<b>INVEJA: “UM BEM OU UM MAL”?</b>
(V28, P13, 4.33)	<u>INVEJA: UM BEM, A QUEM? ATÉ QUAL PONTO?</u>
(V38, C08, 3.0)	<u>INVEJAMOS OU SOMOS INVEJADOS?</u>
(V40, C10, 3.0)	<i>A TAL INVEJA BOA EXISTE?</i>
(OP14, L14, 16.0)	É NÓIS NA FITA ... OU SERÁ NO DVD?
(OP18, T02, 0.0)	<u>FUNK OU MPB. QUAL É O SEU FAVORITO?</u>
(P26, E 11, 8.0)	<b>INDIVIDUALISMO: SUCESSO OU PRECONCEITO?</b>
(P33, HL 02, 1.0)	<b>INTERNET, AVANÇO OU ATRASO?</b>
(P34, HL 03, 1.0)	<u>SEM EDUCAÇÃO, QUEM NÃO QUER SEUS 15 MINUTOS DE FAMA?</u>

(P37, HL 06, 4.5)	<b>TECNOLOGIA: NECESSIDADE OU FUTILIDADE?</b>
(P45, HL 14, 8.5)	<i>COMO AGIR PERANTE A VIDA DE HOJE?</i>

Figura 6: Conjunto global de perguntas retóricas localizadas nos títulos das redações

É claro que essas categorias não são estáticas, porque uma pergunta retórica pode ser, ao mesmo tempo, dicotômica, reflexiva e polêmica, por exemplo; elas são, então, critérios de classificação relativos à maior ou menor intensidade dos traços expostos nas mesmas, ou seja, é dicotômica a pergunta que apresenta claramente uma indagação a respeito de duas faces da mesma questão; é criativa aquela pergunta que apresenta claramente um teor humorístico; é polêmica uma pergunta em que o traço de fluidez de possibilidades de argumentos contrários e a favor são múltiplos; é reflexiva a pergunta que está claramente ativando uma reflexão sobre as coisas do mundo, relativas à tese a ser tratada.

Podemos perceber que as referidas perguntas, independente da sua natureza, estão servindo para desencadear a construção das idéias dentro do texto, ou seja, elas servem para preparar o leitor para o modo como ocorrerá a constituição argumentativa, ou seja, de um modo dicotômico, criativo, reflexivo ou polêmico.

Outra questão que podemos levantar é a relação da natureza das perguntas retóricas com o grau de eficiência dos textos.

#### *Exemplos de perguntas dicotômicas*

(V9, D9, 2.0)	<b>INVEJA: HUMANO OU ANIMAL?</b>
(V24, P09, 3.0)	<b>INVEJA: “UM BEM OU UM MAL”?</b>
(P26, E 11, 8.0)	<b>INDIVIDUALISMO: SUCESSO OU PRECONCEITO?</b>
(P33, HL 02, 1.0)	<b>INTERNET, AVANÇO OU ATRASO?</b>
(P37, HL 06, 4.5)	<b>TECNOLOGIA: NECESSIDADE OU FUTILIDADE?</b>

Começaremos pelas perguntas de natureza dicotômica. De fácil definição e reconhecimento, tratam-se de estruturas de modo interrogativo que se constituem por meio do questionamento de dois opostos sobre a mesma questão. Podemos, com o objetivo de analisar a relação dessas perguntas com o grau de eficiência dos textos, descrever a escolha lexical para denotar os opostos, bem

como para denotar a própria questão que dá origem à construção argumentativa. Nos dois primeiros exemplos, podemos ver que a escolha utilizada para situar a questão foi a palavra “inveja”, central para o desenvolvimento do tema. Podemos levantar também a questão de que as duas entradas usadas para estabelecer o paralelo, ou seja, instaurar a dicotomia, pertencem a um mesmo paradigma, que já faz parte de um sistema de crenças. Dessa forma, apresenta-se o tema “inveja”, e discute-se se esse sentimento seria *humano* ou *animal* (porque são partes opostas comumente assim relacionadas no sistema de crenças), discute-se também se é um *bem* ou um *mal* (porque essa dicotomia “bem ou mal” também encontra-se situada num sistema de crenças). Com isso, podemos afirmar que esse tipo de construção dicotômica remete a uma visão geral do mundo acerca da relatividade das coisas, uma vez que há uma tentativa de situar a questão dentro dessa totalidade e, dessa forma, determinar, por meio do movimento argumentativo, a localização da questão dentro desse todo.

Vemos que o mesmo ocorre nos demais exemplos. Porém, o terceiro (P26) já teria algo de inesperado, porque a idéia de *individualismo* não tem uma relação com o par *sucesso-preconceito*, inclusive o par não seria de antemão uma dicotomia. Vemos, então, que não fica, nesse exemplo, tão nítido, tão previsível quanto nos demais, o direcionamento que terá a construção da argumentação no decorrer do corpo do texto. Talvez essa quebra de expectativas possa garantir ao texto um grau de eficiência mais elevado.

Além disso, podemos afirmar que textos que apresentem como título as perguntas retóricas que trazem dicotomias baseadas em um sistema de crenças já amalgamado tendem a ser avaliados como menos eficientes, uma vez que a pergunta pode indicar que o texto será também “amalgamado”, ou pouco inovador, porque a pergunta traz consigo indícios de como ocorrerá a constituição argumentativa dos textos. Em contrapartida, o texto que apresentou uma pergunta retórica dicotômica com elementos que fogem ao referido sistema, foi avaliado como eficiente, talvez, como já dissemos, por estar apresentando uma quebra de expectativas, assegurando ao texto uma maior carga argumentativa, por apresentar o inesperado.

Percebe-se também que a parte positiva da dicotomia aparece sempre primeiro em todos os casos. A parte negativa vem sempre em acréscimo à parte positiva, que é enfatizada nesse modelo. Isso talvez ocorra devido ao fato de que

há uma possível tentativa de expor o que vai ser enfatizado no decorrer do texto. Percebe-se, com isso, que já há uma preocupação, talvez até inconsciente, já no título, de se manter uma linearidade textual, apresentando, desde o título dos textos, a ordem em que as idéias serão colocadas.

*Exemplos de perguntas reflexivas*

(V5, D5, 2.0)	<i>“O HOMEM É LOBO DO HOMEM?”</i>
(V40, C10, 3.0)	<i>A TAL INVEJA BOA EXISTE?</i>
(P45, HL 14, 8.5)	<i>COMO AGIR PERANTE A VIDA DE HOJE?</i>

Como vemos, esse tipo de pergunta serve para preparar o leitor para a complexidade dos argumentos que serão apresentados nos textos. Sem maiores comentários, elas são um índice da estrutura que será construída no decorrer do texto, da natureza dos argumentos e da reflexividade trazida por eles. São notadamente reflexivas porque incitam a contemplação de elementos um tanto quanto profundos, metafísicos, que dizem respeito à existência dos indivíduos enquanto seres sociais, incluindo valores, moral, atitudes.

As perguntas reflexivas diferem das perguntas polêmicas porque trazem consigo a possibilidade de desencadear processos de constituição argumentativa calcados na reflexão, na busca de um entendimento da relação entre as coisas, com vistas a uma conclusão quase que já pressuposta por um sistema de valores, compartilhado socialmente. Por exemplo *“O homem é lobo do homem?”* pressupõe uma tendência à reflexão, por meio de preceitos morais e éticos, ou seja, não é a conclusão o foco do processo de argumentação, mas o próprio processo em si que rege a constituição do mesmo.

Já as perguntas polêmicas, diferentemente, sugerem possibilidades de constituição da argumentação que podem tomar infinitos caminhos, gerando uma gama variada de adoção de idéias, tanto quanto puderem ser sustentadas por argumentos plausíveis a seu respeito. Por exemplo, *“Invejamos ou somos invejados?”* pode originar uma variedade de argumentos que de tão múltiplos não poderiam se direcionar a um processo de reflexão já pressuposto, como acontece com as perguntas de cunho reflexivo.

*Exemplos de perguntas polêmicas*

(V28, P13, 4.33)

INVEJA: UM BEM, A QUEM? ATÉ QUAL PONTO?

(V38, C08, 3.0)

INVEJAMOS OU SOMOS INVEJADOS?

(OP18, T02, 0.0)

FUNK OU MPB, QUAL É O SEU FAVORITO?

(P34, HL 03, 1.0)

SEM EDUCAÇÃO, QUEM NÃO QUER SEUS 15 MINUTOS DE FAMA?

Sobre as funções das perguntas polêmicas, como já foi mencionado, podemos dizer que dão direcionamento a amplas possibilidades de condução da argumentação, que estará ligado à sua natureza.

Terminaremos essa parte com a análise da pergunta abaixo, a única classificada como criativa.

(OP14, L14, 16.0)

*É NÓIS NA FITA ... OU SERÁ NO DVD?*

É interessante notar que há nela um movimento claro de apresentação de uma expressão popular, talvez até mesmo podendo ser admitida como gíria: “É nós na fita”. Num segundo momento, há a inclusão inusitada de um questionamento de uma evolução tecnológica que fez surgir o CD, substituindo a fita cassete, e, por conseguinte, a criação do DVD, que substitui a fita VHS. Essa evolução tecnológica está sendo exposta, nesse título, de forma criativa, de forma inusitada, com teor de humor. Essa redação, como pode se ver, foi avaliada como eficiente, uma vez que obteve a nota 16,0 que é equivalente a 80%. Vale ressaltar que a questão do humor será discutida a seguir, uma vez que não somente nos títulos, mas também no corpo do texto, ela aparece, e poderia estar garantindo a determinados textos um grau de suficiência elevado.

#### 6.1.2.4. Argumentos criativos e inusitados

A título de exemplificação, nesse item, abordaremos a utilização de argumentos de cunho criativo, inusitado, uma vez que podem estar demonstrando a capacidade dos candidatos de “manipular” o gênero, o que pode implicar em um grau elevado de eficiência textual, devido ao uso do humor, em vários casos, sendo essa uma marca da nossa cultura. Argumentos criativos são aqueles dotados de alguma quebra de expectativa, de algum efeito de sentido superior ao que encontramos comumente no modelo de argumentação recorrente no *corpus* de análise. Esse efeito de sentido pode ser dotado de humor, de ironia, de paradoxos, enfim, de variados efeitos de construção inusitados, inesperados.

Segundo Bastos, Pereira e Fernandez (1989), “de todo modo, observamos que, (...) há um jeito brasileiro de se adaptar ao modelo estrangeiro [de escrita acadêmica]. Esse ‘jeito’ parece transparecer na preocupação com a originalidade, com o efeito de sentido, ou nas marcas de prolixidade”. Utilizaremos o texto a seguir para trabalhar essa questão.

(OP49, EP 21, 20.0<sup>21</sup>)

#### CHUCHU BELEZA

O ser humano, por instinto, tem necessidade de procurar coisas novas, desconhecidas. Essa busca leva a sociedade a um tremendo avanço tecnológico, que causa mudanças em todos os aspectos, inclusive na linguagem.

Essas mudanças tornam-se mais evidentes nos tempos atuais, quando a globalização bate às nossas portas trazendo informações, diminuindo fronteiras, fazendo o tempo correr mais rápido. Com tanta tecnologia estrangeira (a maioria com no mês em inglês), o vocabulário fica cada vez mais americanizado.

Tal fato é satirizado em uma das músicas de Zeca Baleiro – “venha provar meu *bread* / Saiba que eu tenho *aproach* / Na hora do *lunch* / Eu ando de *ferry boat*” – que faz humor e ao mesmo tempo mostra como a linguagem sofre influência das culturas dominantes.

*Foi-se o tempo em que brincar na rua era “chuchu beleza”. O chuchu agora é transgênico e a beleza faz plásticas. Tevê a cabo é que é “maneiro”; tem MTV, HBO e um monte de programas que nos obrigam a seguir a cultura do “amarican way of life”... e esquecemos do pique esconde.*

*Com tanta tecnologia, nem sei mais que joga no Flamengo. Assisto, via satélite, aos jogos do Real Madrid e companhia, todos narrados na língua inglesa. As velhas expressões que a geração dos meus pais usava, não conheço. As de quando era pequeno, não me lembro. Posso pesquisar na Internet.*

De fato, todo esse avanço tecnológico, principalmente nos meios de comunicação, contribui para a criação de uma tendência demodê de linguagem que nos faz esquecer que a cultura linguística brasileira é “supimpa”.

<sup>21</sup> Nota equivalente a 100%.

Podemos perceber que, no texto acima, há intensa utilização de argumentos criativos, ou seja, inusitados, dotados de humor. Esse texto nos serve para exemplificar uma tendência de uso desse tipo de argumento no *corpus* de análise.

Como vemos, os trechos em *itálico*, que retratam os argumentos criativos ou inusitados, perfazem quase que metade do espaço do texto. No entanto, cabe ressaltar que, apesar de apresentar esse contingente de argumentos de cunho criativo, o restante do texto traz uma configuração séria, madura e que flui com muita lucidez. Segundo um dos componentes da banca, em conversa informal durante o processo de avaliação das redações, essa redação, apesar de ter alguns pequenos problemas formais, deveria ser avaliada como eficiente, com nota máxima inclusive, por se tratar de um texto extremamente criativo, fato que, segundo ele, acontece raramente em textos de *redação do vestibular*, e, quando acontece, tem que ser valorizado.

Isso parece nos mostrar que, de fato, os argumentos criativos são tipos que não são recorrentes nesse gênero, não significando que sejam desvalorizados pelas bancas, que, como vimos, ao contrário, os validam como eficientes.

Passaremos, então, a outro texto, também dotado de argumentos criativos.

(V29, P14, 5.0<sup>22</sup>)

#### ***INVEJA PECADO GLOBAL***

Desde os primórdios de nossa era global, a inveja aparentemente nociva e camuflada tem levado o mundo a várias desgraças. *O relato bíblico do primeiro livro da Bíblia revela o primeiro sangue derramado por consequência da inveja.*

Seria possível imaginar um mundo sem olhares invejosos? Sim seria! Seria um mundo sem homicídios, sem violência verbal e sem tantos outros tipos de violência de que se tem notícia.

*A inveja globalizada não é de agora, ela tem atravessado muitas gerações, tem destruído reinos e escrito nossa história com sangue.*

*Ela aparece sutilmente e não se importa com credo, etnia ou posição social. Nestas últimas décadas se transformou em um monstro, pois ganhou espaço através da globalização e por meio da competitividade tem espalhado terror por todos os lados.*

*A inveja global também é capitalista e tem um irmão chamado “interesse próprio”, quando eles estão juntos o estrago é ainda maior. No romper do capitalismo a inveja e o interesse próprio prometeram liberdade para mais tarde escravizar, prometeram prosperidade, para mais tarde oprimir, firmaram alianças para usufruir de poder e mais tarde governar sozinho.*

Hoje nesse mundo globalizado ela esta presente como em todas as mudanças ocorrida na história e se esse monstro não for vencido, a história futura continuará ser escrita com sangue.

<sup>22</sup> Nota equivalente a 100%.

Dotado de um tom trágico, esse texto possui argumentos criativos no sentido em que apresenta marcas de quebra de expectativa, dotadas de teor irônico; marcas de exagero, como a atribuição à inveja de ter derramado o sangue, descrito no primeiro livro da Bíblia, dentre outros; há também pessoalização da inveja, fazendo com que ela possua poder de ação, como prometer, por exemplo.

Como vemos, essa redação também obteve nota máxima, fazendo com que se possa pensar, de antemão, que o uso desses argumentos de cunho criativo estão determinando o grau de eficiência dos textos. Entretanto, apresentaremos a seguir, um texto, que, apesar de fazer uso dos argumentos criativos, não foi considerado como eficiente.

(OP1, L01, 0.0)

### **PREVISÃO DO TEMPO**

*“Que saudades da terra e da infância querida”. Para quem nasceu até a década de noventa sabe como é jogar baralho com cartas, pular corda sem precisar ir a academia; telefonar para alguém rolando o discador, estudar no caderno brochura encapado com papel presente; ouvir música pelo rádio doméstico, contar o tempo no relógio com algarismos romanos, viver cada dia sem saber se amanhã poderia ou não chover. No dia-a-dia, o corre-corre da mãe de família para preparar o almoço e depois ir lavar as roupas no tanque. Chegar da escola e ir brincar de pique-pegas com os vizinhos na calçada, até chegar a hora do pai chamar para entrar, tomar banho, jantar e dormir.*

*Chinelos havaiana nos tempos de hoje, são moda. Aproveitar um tempo para descanso no trabalho e jogar paciência no computador. Ligar para o namorado no celular, só para saber onde ele está. Ir a academia de ginástica para manter a boa forma. Saber as horas no relógio digital para ir pegar o filho na escola antes que chova; conforme a previsão meteorológica para o dia. Em casa tudo pronto: roupa lavada e seca pelas máquinas de lavagem e secadora. Lanche preparado pela empregada doméstica. Tempo para agendar encontros sociais e profissionais.*

*A família vai bem, tem tudo da última geração, o tempo passou muito rápido e não foi possível prestar atenção na lua e nas estrelas dessa noite.*

Esse texto é, como vemos, constituído única e exclusivamente por argumentos de cunho criativo, no entanto, foi avaliado como ineficiente, obtendo nota zero. Talvez pelo fato de apenas retratar ações do passado (primeiro parágrafo), ações do presente (segundo parágrafo) e uma reflexão sobre a condição atual da vida (último parágrafo), sem nenhum elo, sem justificativa alguma que contribua para o andamento da constituição da argumentação, sendo essa entendida como um caminho para se alcançar a persuasão, o texto tenha sido avaliado como ineficiente.

Dessa forma, podemos pensar então que, assim como outras categorias de configuração textual, como o uso de tipos textuais, a adoção de argumentos criativos, somente é valorizada se estiver contribuindo para a constituição de um

todo, de uma totalidade significativa. É preciso que o uso destes argumentos seja reconhecido como algo que satisfaça as exigências de se ter um texto de base argumentativa, que esteja em consonância com o propósito comunicativo do gênero, que, como já foi dito, é atestar, por meio de um texto escrito, formal, visto como uma totalidade significativa, a habilidade e eficiência no trato da linguagem, com o objetivo de obter aprovação no concurso do vestibular.

## 6.2.

### A redação do vestibular em termos de processos sociais

Esta parte da análise do *corpus* é complementar à anterior e visa mostrar como o gênero *redação do vestibular* pode ser visto em termos de processo social (Martin, 1993). Nessa parte da análise, daremos um tratamento quantitativo e qualitativo aos dados.

#### 6.2.1.

##### O contexto sócio-histórico

Essa parte da análise objetiva a exemplificar os itens lexicais que fazem referências exofóricas às situações vividas pelos alunos, referentes ao mundo extra-texto, observando as variações de acordo com as notas e as universidades.

A análise baseou-se no número de ocorrências e nos percentuais de frequência de itens lexicais utilizados nos textos como referência ao contexto<sup>23</sup>, e por isso relacionam-se à visão de mundo (metafunção ideacional) que é construída nesses textos pelos alunos. Apresentaremos primeiro todas as palavras que se referem à *realidade social*, depois todas as que se referem a *indivíduos*, depois todas as que fazem referência a questões *espaciais* e, por último, aquelas relativas ao *tempo*. Em cada grupo, procederemos à caracterização da natureza dos itens.

---

##### *Realidade Social*

#	%	<i>Item lexical</i>

---

<sup>23</sup> Estas frequências foram calculadas com o auxílio do software MonoConcPro, um programa de buscas em contexto, tomando-se como base o corpus de 135 redações.

1	0,0034%	mundiais
10	0,0338%	mundial
1	0,0034%	mundinho
164	0,5544%	mundo
<hr/>		
10	0,0338%	país
13	0,0439%	países
<hr/>		
3	0,0101%	globais
8	0,0270%	global
4	0,0135%	globalizada
19	0,0642%	globalizado
1	0,0034%	globalizados
66	0,2231%	globalização
<hr/>		
1	0,0034%	soceidade
21	0,0710%	sociais
35	0,1183%	social
1	0,0034%	socialismo
2	0,0068%	socialistas
2	0,0068%	socialmente
100	0,3381%	sociedade
5	0,0169%	sociedades
1	0,0034%	socioeconômicas
<hr/>		
15	0,0507%	brasil
3	0,0101%	brasileira
1	0,0034%	brasileiras
3	0,0101%	brasileiro
2	0,0068%	brasileiros
1	0,0034%	brasilíia
<hr/>		
1	0,0034%	tecno-científico
94	0,3178%	tecnologia
7	0,0237%	tecnologias
1	0,0034%	tecnologica
2	0,0068%	tecnologicamente
1	0,0034%	tecnologicas
2	0,0068%	tecnologico
1	0,0034%	tecnológicos
3	0,0101%	tecnológica
9	0,0304%	tecnológica
8	0,0270%	tecnológicas
21	0,0710%	tecnológico
25	0,0845%	tecnológicos
1	0,0034%	tecnológicos
<hr/>		
2	0,0068%	avanso
3	0,0101%	avança
2	0,0068%	avançada
1	0,0034%	avançadas
1	0,0034%	avançado
1	0,0034%	avancamos
1	0,0034%	avançar
27	0,0913%	avanço
40	0,1352%	avanços
<hr/>		
4	0,0135%	inovação
10	0,0338%	inovações
<hr/>		
4	0,0135%	modernidade
1	0,0034%	moderninha
3	0,0101%	modernização
17	0,0575%	moderno
4	0,0135%	modernos
<hr/>		
31	0,1048%	evolução
4	0,0135%	evoluções
<hr/>		

3	0,0101%	lingua
65	0,2197%	linguagem
1	0,0034%	linguagens
3	0,0101%	linguajar
1	0,0034%	linguajares
1	0,0034%	linguística
3	0,0101%	linguísticas
1	0,0034%	linguístico
1	0,0034%	linguísticos
1	0,0034%	lingüís-
1	0,0034%	lingüísticas
1	0,0034%	lingüístico
1	0,0034%	lingüísticos
5	0,0169%	expressão
39	0,1318%	expressões
1	0,0034%	expresões
39	0,1318%	comunicação
3	0,0101%	comunicações
1	0,0034%	informatizadas
2	0,0068%	informatizado
2	0,0068%	informatização
14	0,0473%	informação
26	0,0879%	informações
10	0,0338%	computador
6	0,0203%	computadores
1	0,0034%	computadorizado
1	0,0034%	computador...
1	0,0034%	computação
33	0,1116%	internet
12	0,0406%	celular
3	0,0101%	celulares
25	0,0845%	capitalismo
14	0,0473%	capitalista
3	0,0101%	competitiva
16	0,0541%	competitividade
2	0,0068%	competitivo
1	0,0034%	competitivos
1	0,0034%	competitividade
16	0,0541%	competição
16	0,0541%	consumismo
3	0,0101%	consumista
7	0,0237%	consumo
12	0,0406%	contexto
1	0,0034%	situacionais
15	0,0507%	situação
7	0,0237%	situações
4	0,0135%	cotidiana
1	0,0034%	cotidianas
16	0,0541%	cotidiano
1	0,0034%	cotidiano
18	0,0609%	cultura
9	0,0304%	culturais
7	0,0237%	cultural
11	0,0372%	culturas
11	0,0372%	história
1	0,0034%	históricos

Tabela 1: Frequência de referências à realidade social

As ocorrências das entradas que se incluem no primeiro grupo, designado *realidade social*, são visivelmente superiores às demais. Isso pode ter acontecido devido ao fato de que todas as três propostas de redação remetem a questões da realidade social, tais como globalização e sociedade, dentre outras. Em seguida, procederemos à descrição da natureza dos termos utilizados para representar esse mundo extra-texto.

Primeiramente, trabalharemos a natureza dos termos que se referem à realidade social. Consideraremos os termos a partir de seu número de ocorrências: aqueles com menos de 10 ocorrências não foram tratados, já que sua frequência parece baixa para um *corpus* de aproximadamente 30.000 palavras analisadas, correspondendo a percentuais de frequência inferiores a 0.03%.

Inicialmente, analisaremos a intensa ocorrência do item *mundo* (e seus correlatos) que aparecem 176 vezes. Esse item é, de uma forma geral, utilizado para retratar uma totalidade, uma marcação de generalidade da realidade social. Isso é interessante se pensarmos que *mundo* é um item lexical usual, corriqueiro, facilmente entendido, por retratar o contexto geral. Podemos também dizer que a idéia de *mundo*, atualmente, é marcada pela noção de *desterritorialização*<sup>24</sup>, o que quer dizer que não existem fronteiras entre as nações, pelo menos em tese. E essa idéia de um mundo global, sem fronteiras, sem limitações entre os estados-nação é também materializada na utilização de outros itens, tais como, por exemplo *globalização* e seus correlatos, com 101 ocorrências, e *país(es)*, com 23 ocorrências. Há ainda um tipo de entradas lexicais que retratam mais especificamente a realidade social específica, tais como: *sociedade* e *social* e outros correlatos, com 168 ocorrências.

Percebemos ainda a utilização do item *Brasil* e correlatos, talvez com o objetivo de situar, de forma mais objetiva e direta, o contexto da nação em que vivemos (cf. Oliveira, 2002).

Ainda com relação ao primeiro grupo, podemos propor a existência de uma natureza comum a algumas das palavras que aí aparecem com frequências altas, a que chamaremos de palavras de cunho *progressista*, que retratam

---

<sup>24</sup> Conceito cunhado por Stuart Hall (2002).

inovações nas mais diversas esferas da realidade social. São elas: *tecnologia, avanços, modernidade, inovação e evolução* e seus respectivos correlatos.

Há, também, outro grupo de entradas lexicais que retratam a realidade social através da linguagem. São elas: *linguagem, expressões, comunicação e informações* e seus respectivos correlatos, que refletem um tema dominante da segunda metade do século XX, a semiótica (Halliday, 1989).

Existe ainda uma outra natureza de entradas que retrata instrumentos trazidos pelas inovações tecnológicas, representadas por itens como *computador, internet e celular* e seus respectivos correlatos. Essas referências representam o mundo informatizado em que vivem os produtores desses textos.

Cabe ressaltar, contudo, que as entradas lexicais exploradas acima podem ter ocorrido devido aos temas exigidos, que pediam o tratamento de questões relativas às mesmas.

Além dessas, há outras que retratam aspectos mais gerais sobre a existência social, num sentido mais político, relativo a sistemas de trabalho e forças de coerção social, tais como *capitalismo, competitividade e consumismo* e seus respectivos correlatos, que refletem características da sociedade pós-moderna (Hall, 2002).

Por fim, para concluirmos a descrição da natureza dos itens lexicais nesse primeiro grupo, apresentaremos entradas que denotam a inserção do indivíduo no mundo que o cerca. São entradas do tipo: *contexto, situação, cotidiano, cultura e história*.

Como podemos visualizar, os itens lexicais agrupados nesse primeiro bloco, apesar de terem naturezas distintas, apresentam sempre um processo de *referenciação* a algo da realidade social, desde a noção global de *mundo* até a idéia local de *história*.

Passaremos, nesse momento, à apresentação dos itens referentes aos *indivíduos*.

<i>Indivíduo</i>		
#	%	Item lexical
20	0,0676%	peessoa
1	0,0034%	peessoaa
8	0,0270%	peessoais
9	0,0304%	peessoal
2	0,0068%	peessoalmente
130	0,4395%	peessoas
80	0,2705%	homem
1	0,0034%	homem"
2	0,0068%	homen
5	0,0169%	homens
10	0,0338%	humana
10	0,0338%	humanas
9	0,0304%	humanidade
3	0,0101%	humanista
58	0,1961%	humano
15	0,0507%	humanos
2	0,0068%	humanos"
2	0,0068%	indivíduo
13	0,0439%	indivídúo
14	0,0473%	indivídúos
22	0,0744%	relação
42	0,1420%	relações
15	0,0507%	seres

Tabela 2: Frequência de referências aos indivíduos

Entradas lexicais relativas aos *indivíduos* também são muito recorrentes. A frequência acentuada destes itens pode estar relacionada às propostas das redações que, nos três grupos, solicitaram o trabalho da relação dos indivíduos com a realidade social, quer por meio do tratamento da inveja, sentimento individual e subjetivo, no contexto da globalização (UFV); quer por meio do tratamento das inovações da linguagem e o contexto de inovações tecnológicas atuais, entre a praticidade e o saudosismo, que são posicionamentos subjetivos a respeito da realidade social (UFOP); quer por meio do tratamento do indivíduo em meio a inovações tecnológicas, tais como a internet, que remete à realidade social (PUC-Rio).

Diferentemente do primeiro grupo, este tem entradas que se referem à constituição dos indivíduos, dos seres sociais. É um grupo que possui apenas seis entradas, porém com um número grande de ocorrências. Apenas aparecem *peessoa*, *homem*, *humano*, *indivídúos*, *relação* e *seres* e seus respectivos correlatos. A natureza desses tipos de entrada é idêntica, ou seja, referem-se aos indivíduos e suas relações, variando, contudo, quanto ao grau de formalidade de utilização.

Estas referências relacionam-se à metanfunção interpessoal (Halliday, 1994), já que mostram os participantes na interação e suas relações.

Parece que *peçoas* é um tipo de entrada que se caracteriza por um grau de formalidade inferior ao de *homem* e este, por sua vez, se caracteriza por um grau também inferior a *humano* (que, inclusive, na maioria das vezes, constitui parte da expressão *ser humano*). Isso é interessante para percebermos a relação das escolhas lexicais e o grau de formalidade do gênero, dentro de sua relação com o discurso acadêmico, sendo o item lexical *peçoas* e seus correlatos o mais freqüente, indicando a tendência para a informalidade do gênero, e seu afastamento dos padrões do discurso acadêmico.

Já o item *relação* traz consigo subentendida a idéia dos indivíduos, ou seja, relação entre seres. O item *seres* é geral, mas indica que são seres humanos.

Em seguida, abordaremos os itens que se referem ao *espaço*.

<i>Espaço</i>		
#	%	<i>Item lexical</i>
41	0,1386%	onde
33	0,1116%	lado
4	0,0135%	lados
12	0,0406%	meio
32	0,1082%	meios
14	0,0473%	lugar
2	0,0068%	lugares

Tabela 3: Freqüência de referências espaciais.

É interessante, dentro dessa perspectiva, que as ocorrências de referências exofóricas *espaciais* foram as que menos apareceram no *corpus*. Isso pode ter ocorrido devido ao fato de que, além de não ter sido enfatizado nas propostas um movimento de trabalho de questões espaciais, há também uma percepção totalizadora do mundo, talvez devido a uma visão globalizada do espaço, que é também uma característica da sociedade pós-moderna (Fridman, 2000).

Este é o grupo mais restrito, ou seja, que teve um número restrito de entradas e número inferior de ocorrências. Como já dissemos anteriormente, isso pode ter ocorrido devido à questão de que não há, na contemporaneidade, intensa preocupação com a marcação espacial, tendo em vista a *desterritorialização*, que é marcada de forma intensa na cultura globalizada, preponderante na atualidade.

É interessante notar que a marcação espacial mais freqüente foi feita por meio do item lexical *onde*, que serve tanto para dar idéia espacial intra-textual, ou seja, para fazer referência a partes do texto, quanto para estabelecer idéia espacial extra-textual, isto é, para se referir a algo fora do texto, ou seja, no mundo.

O segundo foi o item *lado*, que, talvez por ter relação com a utilização dos argumentos dicotômicos (vide item 6.1.2), e por ter ocorrido, geralmente, em expressões como *por um lado*, *por outro lado*, teve tanta recorrência.

O terceiro foi o item *meios*, que, por si só, engloba a idéia de direção espacial. E, por fim, o termo *lugar/es* que é nitidamente referente à localização espacial, mas que só aparece 16 vezes no *corpus*.

Por fim, trataremos dos itens de cunho temporal. Procederemos à identificação e, posteriormente, analisaremos a natureza dos mesmos.

<i>Tempo</i>		
#	%	<i>Item lexical</i>
4	0,0135%	hora
8	0,0270%	horas
59	0,1995%	dia
8	0,0270%	dia-a-dia
3	0,0101%	diariamente
17	0,0575%	dias
14	0,0473%	ano
36	0,1217%	anos
14	0,0473%	século
2	0,0068%	séculos
84	0,2840%	vez
38	0,1285%	vezes
1	0,0034%	momentaneamente
14	0,0473%	momento
6	0,0203%	momentos
47	0,1589%	sempre
43	0,1454%	ainda
13	0,0439%	enquanto
59	0,1995%	quando

21	0,0710%	antes
2	0,0068%	passadas
20	0,0676%	passado
1	0,0034%	passados
13	0,0439%	presente
85	0,2874%	hoje
13	0,0439%	agora
12	0,0406%	atuais
30	0,1014%	atual
1	0,0034%	atualidade
1	0,0034%	atualizado
1	0,0034%	atualização
11	0,0372%	atualmente
10	0,0338%	amanhã
12	0,0406%	depois
1	0,0034%	futura
3	0,0101%	futuramente
3	0,0101%	futuras
13	0,0439%	futuro

Tabela 4: Frequência de referências temporais

Questões relativas ao tempo foram recorrentes, tendo sido o segundo grupo com maior número de entradas. Isso pode ter acontecido devido ao fato de que, também nas propostas de redação dos vestibulares das três universidades cujos textos compõem o *corpus* de análise, foi solicitado um trabalho de idéias que denotasse um movimento de passagem de um estágio anterior para um estágio atual de desenvolvimento do ser humano, interdependente com as transformações sociais da realidade.

Notamos que as entradas temporais se subdividem em três grupos, conforme sua natureza de marcação de uma unidade de tempo, de relação temporal, e do eixo presente passado e futuro.

No primeiro grupo, incluímos os itens *hora, dia, ano e século* e seus correlatos, por se tratarem de entradas que exprimem unidades convencionais de tempo.

No segundo, temos os itens *vez, momento, sempre, ainda, enquanto e quando* e seus correlatos, que, embora não sejam especificamente unidades temporais, possuem alguma relação com a questão do tempo, quer por meio de

retratar algum tipo de idéia relativa a um dado ponto na linha do tempo, como *momento* e *vez*; quer por retratar uma idéia de recorrência ou reiteração, como o *sempre*; quer por se tratar de uma idéia relativa à continuidade da ação, como o *ainda*; quer por apresentar uma idéia de simultaneidade de acontecimentos, como o *enquanto*; quer por tratar de uma marcação temporal para situar uma idéia na linha do tempo, como o *quando*.

Por fim, chegamos ao terceiro grupo, que trata do eixo *passado*, *presente* e *futuro*. A idéia de *passado* é expressa pelas entradas *antes* e *passado* e seus correlatos; a idéia de *presente* é expressa pelos itens *presente*, *hoje*, *agora* e *atual* e seus correlatos. A idéia de futuro, por sua vez, é expressa pelos itens *amanhã*, *depois* e *futuro* e seus correlatos. É interessante notar aqui que as marcações de presente são expressivamente mais frequentes do que as de passado e futuro, talvez porque haja um maior foco no presente, tendência identitária da contemporaneidade da superficialidade das coisas, tendência que toma o mundo numa perspectiva do “aqui e agora” (Hall, 2002). Outra motivação para uma maior ocorrência de itens que denotem o presente é o fato de que as propostas não apontaram a necessidade de se trabalhar o futuro, mas sim a relação do passado com o presente, quanto à constituição dos indivíduos na atualidade e sua formação enquanto seres históricos. Com relação à ocorrência das marcações de passado, podemos pensar que, para estabelecer essa idéia, os candidatos, em vários casos, lançam mão da retratação de momentos históricos passados por meio de locuções como “Desde sempre, o homem...”, ou “Desde sempre”, dentre outros, não necessitando, assim, do uso de marcações estritamente temporais para estabelecer a idéia de passado, tendo em vista que nosso sistema lingüístico possibilita o uso de outras construções com esta função.

Cabe ressaltar aqui que todas essas entradas temporais tiveram uma frequência relativamente baixa, o que pode significar que, devido à sua relação com o discurso acadêmico, o gênero redação do vestibular apresenta baixo índice de ocorrência de palavras que denotem marcação temporal. Pode-se sugerir que o objetivismo que permeia o discurso acadêmico está emergindo nesse *corpus* na forma da não marcação de tempo.

Como vimos, há uma maior frequência de marcas exofóricas que retratem a realidade social, uma ocorrência menos significativa de marcas de indivíduos e tempo e, por fim, uma baixa marcação de referências espaciais.

Na última parte desse capítulo, discutiremos a relação da ocorrência de itens lexicais que remetam à realidade extra-texto e a caracterização do gênero *redação do vestibular* com o discurso acadêmico.

### 6.2.2. Análise do mundo criado nas redações

Nessa parte da análise, procederemos à identificação e exemplificação do uso de nominalizações versus processos, que retratam, respectivamente, mundo das idéias/abstração (nominalizações) e mundo de ações (processos), e que estão relacionados à metafunção ideacional da teoria sistêmico-funcional (Halliday, 1994).

Segundo Eggins (2004), quanto maior o grau de formalidade do discurso, maior a tendência desse apresentar graus elevados de *nominalização*, uma vez que essas servem para transformar ações em abstrações, em idéias. A ‘redação do vestibular’, nessa perspectiva, tenderia a uma maior apresentação de *nominalizações* em detrimento de *processos*. Essa parte da análise servirá para verificarmos se isso ocorre, para, na etapa de discussão dos resultados, discutirmos a relação desse gênero com o discurso acadêmico.

Para tanto, quantificamos as ocorrências das *nominalizações* em –ção, -mento, e –c(i)a, por serem as mais recorrentes em nosso *corpus* de análise. As formações regressivas e irregulares não foram consideradas, por terem uma definição problemática, que fogem do escopo deste trabalho.

O quadro abaixo nos servirá para apresentar o número de *nominalizações* versus o número de *processos* ocorridos em nosso *corpus* de análise. Cabe ressaltar que foram quantificadas as *nominalizações* e *processos* que tiveram ocorrência superior a 5, uma vez que consideramos ocorrências inferiores a esse número pouco relevantes, porque representam apenas 0,0135% do contingente de palavras do *corpus* de análise, que se aproxima de 30.000.

<i>Nominalizações</i>		
#	%	<i>Item lexical</i>
66	0,2231%	globalização
42	0,1420%	relações
22	0,0744%	relação
40	0,1352%	avanços
27	0,0913%	avanço

39	0,1318%	comunicação
39	0,1318%	expressões
5	0,0169%	expressão
32	0,1082%	sentimento
12	0,0406%	sentimentos
31	0,1048%	evolução
30	0,1014%	mudanças
17	0,0575%	mudança
26	0,0879%	informações
14	0,0473%	informação
19	0,0642%	desenvolvimento
16	0,0541%	competição
15	0,0507%	situação
7	0,0237%	situações
12	0,0406%	superação
11	0,0372%	tendência
10	0,0338%	conhecimento
10	0,0338%	inovações
10	0,0338%	produção
10	0,0338%	transformação
9	0,0304%	transformações
9	0,0304%	surgimento
7	0,0237%	alterações
7	0,0237%	consequência
5	0,0169%	consequência
7	0,0237%	formação
6	0,0203%	relacionamento
6	0,0203%	solução
6	0,0203%	transição
6	0,0203%	ações
6	0,0203%	utilização
5	0,0169%	banalização
5	0,0169%	comportamento
5	0,0169%	entendimento
5	0,0169%	exploração
5	0,0169%	influência
5	0,0169%	influências
5	0,0169%	pensamento
5	0,0169%	posição
5	0,0169%	preocupação
5	0,0169%	substituição

**Total:**  
**686**

Tabela 5: Frequência de nominalizações

Como vemos, há um número considerável de *nominalizações*, com os sufixos selecionados, constantes do *corpus* de análise. Agora veremos o número de *processos*, que serão apresentados no quadro a seguir. Os verbos foram agrupados quanto ao seu radical, com todas as suas flexões. Foram incluídos, na

coluna esquerda da Tabela 6, a natureza, segundo Halliday (1994), e o número dos *processos*.

<b>Natureza</b>	<b>#</b>	<b>Exemplos</b>
Verbal	43	Falar Comunicar Dizer
Existencial	61	Haver Existir
Mental	209	Ver Aproveitar Saber Querer Pensar Olhar Ouvir Perceber Entender Acreditar Sentir Esquecer
Material	793	Fazer Viver Ir Trazer Levar Agir Dar Escrever Lutar Comprar Consumir Trabalhar
Relacional	900	Ser Estar Poder Ter Dever Parecer
Total	1952	

Tabela 6: Frequência dos *processos*.

Como podemos notar, há uma maior frequência do uso de *processos* (1952 ocorrências) em detrimento do uso de *nominalizações* (686 ocorrências) em nosso *corpus* de análise. Procederemos à abordagem da natureza dos verbos que ocorreram. Como vemos, a maioria dos verbos que apareceram são *processos materiais* (793 ocorrências) e *relacionais* (900 ocorrências). *Processos materiais* são aqueles que denotam o mundo físico, através de verbos de ação, de acontecimento, de mudança do estado das coisas. *Processos relacionais* são aqueles que atribuem algo, que dão identidade, que simbolizam algo, através de

verbos de estado e de atribuições, retratando um mundo de relações abstratas (Halliday, 1994).

Outra questão a ser trabalhada é o fato de que, através do *corpus* de análise, podemos pensar que a configuração textual desse gênero está dissonante do discurso acadêmico, uma vez que as *redações do vestibular* apresentam menor ocorrência de *nominalizações*. No entanto, há também grande ocorrência de *processos relacionais*, que denotam um mundo de abstrações, o que pode estar mais de acordo com as propriedades do discurso acadêmico. Já os *processos materiais* colaboram para a caracterização das redações do vestibular como mais concretas, voltadas para ações e não para abstrações e, portanto, mais distantes do discurso acadêmico.

As ocorrências dos demais *processos* não tiveram grande expressividade. Por exemplo, houve baixa ocorrência de *processos mentais* (209 ocorrências), que são expressos através de verbos de sensação, pensamento e sentimento. Isso pode estar em consonância com as proposições do discurso acadêmico, porque implica em pouca subjetividade. A baixa ocorrência dos demais processos, *verbais* (43 ocorrências) e *existenciais* (61 ocorrências), que têm a possibilidade de apresentar proposições de fatos, de eventos, de coisas e de acontecimentos, parece não coincidir com expectativas do discurso acadêmico.

Além disso, pode-se dizer que, apesar de menos frequentes do que os *processos*, as *nominalizações* podem estar indicando, nas *redações do vestibular*, a passagem de um discurso menos formal para um mais formal. Essa frequência, no gênero *redação do vestibular*, pode estar indicando que o mundo criado é mais fortemente caracterizado por ações do que por abstrações.

Sobre a natureza dos *processos*, pode-se afirmar que: a predominância de *processos materiais* pode estar indicando a concepção de um mundo de ações; a intensa ocorrência de *processos relacionais* pode estar indicando um mundo de abstrações; a baixa ocorrência de *processos mentais* pode estar indicando um mundo mais objetivo; a baixa ocorrência de *processos verbais* e *existenciais* pode estar indicando um mundo com poucos referenciais explícitos.

Explorando melhor a noção de *nominalização*, Fairclough (2001) afirma que:

Seu objetivo é transformar processos e atividades em estados e objetos, e ações concretas em abstratas (Fairclough, 2001, p.227).

Essa citação estabelece uma relação entre *nominalizações* e *processos* e a ocorrência de ambos em um discurso que tenda à formalidade. Como o objetivo da *nominalização*, segundo Fairclough (2001), “é transformar processos e atividades em estados e objetos e ações concretas em abstratas”, podemos dizer que esse movimento de passagem de um estado mais concreto para um estado mais abstrato das coisas contribui para a constituição da configuração do discurso acadêmico. Sobre essa relação, Basilio (1999) afirma que a *nominalização* é “enquadramento do verbo numa estrutura nominal”. (Basilio, 1999, p.25).

Além disso, Basílio (1999), a respeito da *nominalização*, afirma que há intensa recorrência a este processo no discurso acadêmico (Basilio, 1999, p.25).

### 6.2.3. A subjetividade e as identidades discursivas

Nesse item, será realizada a identificação e exemplificação das marcas de subjetividade, bem como das marcas de não subjetividade ou objetividade mais recorrentes no *corpus* de análise. Para retratar a primeira, procederemos a quantificação do número de ocorrências uso de pronomes de primeira pessoa e, para a segunda, serão quantificados o número de ocorrência da voz passiva e do uso da impessoalização, por meio do uso de verbos na terceira pessoa e de formas nominais.

Para a quantificação do número de marcações de subjetividade, serão apresentados, no quadro abaixo, primeiramente os itens lexicais que denotam explicitamente a marcação de subjetividade, como *eu* e *nós*. Em seguida, serão apresentados os verbos em primeira pessoa do singular e do plural.

#	%	<i>Item lexical</i>
21	0,0710%	eu
30	0,1014%	nós
7	0,0237%	meu
7	0,0237%	minha
42	0,1420%	nosso
45	0,1521%	nossa

Tabela 7: Frequência de marcadores de subjetividade:  
Pronomes de 1ª pessoa

#	%	<i>Item lexical</i>
18	0,0609%	somos
34	0,1149%	estamos
23	0,0778%	podemos
24	0,0811%	temos
15	0,0507%	termos
6	0,0203%	tenho
5	0,0169%	fazemos
5	0,0169%	passamos
5	0,0169%	vemos
14	0,0473%	devemos
9	0,0304%	sei
7	0,0237%	sabemos
13	0,0439%	vivemos
8	0,0270%	percebemos
6	0,0203%	acredito

Tabela 8: Frequência de marcadores de subjetividade:  
Verbos na 1ª pessoa

#	%	<i>Item lexical</i>
98	0,3313%	são
44	0,1487%	sendo
42	0,1420%	seja
41	0,1386%	era
29	0,0980%	foi
16	0,0541%	seria
15	0,0507%	foram
14	0,0473%	será
12	0,0406%	eram
12	0,0406%	sejam
8	0,0270%	serem
5	0,0169%	fosse
78	0,2637%	está
37	0,1251%	estão
12	0,0406%	estar
6	0,0203%	estava
70	0,2366%	pode
14	0,0473%	podem
7	0,0237%	pode-se
5	0,0169%	podendo
5	0,0169%	possa
70	0,2366%	tem
46	0,1555%	ter
12	0,0406%	têm
11	0,0372%	tendo
6	0,0203%	teve
5	0,0169%	tinham
38	0,1285%	faz
17	0,0575%	fazer
13	0,0439%	fazem
10	0,0338%	fazendo
6	0,0203%	feito
5	0,0169%	feita
38	0,1285%	há
8	0,0270%	haver
5	0,0169%	havia

24	0,0811%	torna
13	0,0439%	tornou-se
10	0,0338%	tornou
9	0,0304%	tornar
7	0,0237%	tornando
7	0,0237%	tornaram
6	0,0203%	tornam
5	0,0169%	torna-se
21	0,0710%	passa
12	0,0406%	passar
11	0,0372%	passam
6	0,0203%	passou
20	0,0676%	ver
11	0,0372%	visto
5	0,0169%	vista
5	0,0169%	vê
19	0,0642%	deve
17	0,0575%	saber
8	0,0270%	sabe
8	0,0270%	sabem
17	0,0575%	viver
13	0,0439%	vive
9	0,0304%	vivendo
5	0,0169%	vivem
16	0,0541%	preciso
5	0,0169%	precisa
16	0,0541%	vão
14	0,0473%	vai
9	0,0304%	ir
8	0,0270%	for
14	0,0473%	traz
7	0,0237%	trazem
13	0,0439%	falar
13	0,0439%	quer
9	0,0304%	querem
9	0,0304%	querer
12	0,0406%	acaba
9	0,0304%	acabam
12	0,0406%	comunicar
12	0,0406%	pensar
5	0,0169%	pensando
12	0,0406%	possuir
7	0,0237%	possuem
11	0,0372%	deixar
8	0,0270%	deixa
7	0,0237%	deixando
11	0,0372%	leva
6	0,0203%	levar
11	0,0372%	superar
10	0,0338%	existem
10	0,0338%	gera
5	0,0169%	gerando
10	0,0338%	mudar
5	0,0169%	mudando
10	0,0338%	partir
9	0,0304%	fica
8	0,0270%	ficar
6	0,0203%	ficam
9	0,0304%	observar
9	0,0304%	olhar
9	0,0304%	diz
9	0,0304%	dizer
8	0,0270%	agir
8	0,0270%	ouvir
8	0,0270%	parece
7	0,0237%	perceber
5	0,0169%	percebe-se
8	0,0270%	surgem

7	0,0237%	chegar
7	0,0237%	crescer
7	0,0237%	criar
7	0,0237%	dar
7	0,0237%	entender
7	0,0237%	escrever
7	0,0237%	lutar
7	0,0237%	ocorre
5	0,0169%	ocorrem
5	0,0169%	ocorrendo
7	0,0237%	virou
6	0,0203%	acontece
6	0,0203%	aumenta
6	0,0203%	conseguem
6	0,0203%	evoluir
5	0,0169%	evoluindo
6	0,0203%	facilitar
6	0,0203%	perder
6	0,0203%	sentir
6	0,0203%	sobreviver
6	0,0203%	tentam
6	0,0203%	transforma
5	0,0169%	transformando
5	0,0169%	buscando
5	0,0169%	causando
5	0,0169%	causar
5	0,0169%	comprar
5	0,0169%	consumir
5	0,0169%	continuum
5	0,0169%	contribui
5	0,0169%	esquecer
5	0,0169%	modificando
5	0,0169%	resolver
5	0,0169%	trabalha
5	0,0169%	sofre
5	0,0169%	tende
5	0,0169%	tomar
5	0,0169%	tomou
5	0,0169%	aproveitar

Tabela 9: Frequência de marcadores de objetividade:  
Verbos na 3ª pessoa e formas nominais

Como podemos perceber, as entradas lexicais identificadas no *corpus* que denotam primeira pessoa, parecem apresentar baixa frequência. Vemos também claramente uma tendência maior para o uso de verbos em terceira pessoa e verbos em formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio).

Finalizando essa parte da análise, reforçamos que houve uma ocorrência pouco significativa de marcação da subjetividade no *corpus* de análise em detrimento da não-marcação, o que pode significar uma aproximação com o discurso acadêmico.

De forma resumida, cabe dizer que a retratação da *redação do vestibular* enquanto processo social está materializada na visão de mundo que têm os candidatos na produção de seus textos, que pode ser identificada por meio dos

itens lexicais marcadores de referências exofóricas, por meio da utilização de *processos* em detrimento de *nominalizações* e por meio da marcação ou não da subjetividade.

Quando os candidatos optam por apresentar um texto que traga marcações exofóricas, percebemos que há uma tentativa de demonstrarem sua concepção do mundo, através da linguagem.

Quanto à utilização de *processos* em detrimento de *nominalizações*, os candidatos estão mostrando que constroem o mundo de forma mais concreta e menos abstrata.

E, por fim, quando há uma maior ocorrência de formas de não marcação da subjetividade isso quer dizer que os candidatos estão preferindo se manter fora daquilo que estão dizendo.

Essas três características foram estudadas, portanto, com o objetivo de se delinear que é a construção do texto das *redações do vestibular* enquanto processo social, como vimos, analisando esses índices desses processos.

### **6.3.**

#### **A redação do vestibular em termos do discurso acadêmico**

Este item se destina à discussão de questões trabalhadas anteriormente na análise, buscando relacionar os resultados encontrados para o gênero *redação do vestibular* com o discurso acadêmico. Primeiramente, serão sintetizados e retomados os resultados da análise da *redação do vestibular* em termos de sua configuração textual e relacionados ao discurso acadêmico. Após, serão abordados os resultados da análise da *redação do vestibular* em termos dos processos sociais e também relacionados ao discurso acadêmico.

#### **6.3.1.**

##### **A configuração textual da *redação do vestibular* e o discurso acadêmico**

Nessa etapa de apreciação dos resultados, trataremos da questão das tipologias textuais; da utilização dos movimentos argumentativos padronizados e a exigência das bancas; e do uso de argumentos criativos ou inusitados que demonstram que os candidatos sabem utilizar com eficiência o gênero. Todos

estes aspectos serão relacionados com a aproximação ou distanciamento do gênero *redação do vestibular* com o discurso acadêmico.

### **6.3.1.1. Tipos textuais**

Neste item, discutiremos o uso de tipologias textuais variadas (Marcuschi, 2002) e sua relação com o discurso acadêmico, ou seja, se um texto com base tipológica heterogênea estaria ou não em consonância com as exigências do discurso acadêmico.

No item 6.1.1, foi feita a caracterização de diferentes tipologias textuais que aparecem no *corpus* de análise. Os resultados da pesquisa mostraram intensa recorrência da mesclagem de tipos textuais na configuração dos textos. Cabe aqui ressaltar que a tradicional subdivisão de tipos textuais em narração, descrição e dissertação foi substituída pela abordagem de Marcuschi (2002), a qual aplicamos à análise do gênero *redação do vestibular*, sendo identificado no *corpus* o uso recorrente de seqüências argumentativas e narrativas.

A partir da análise, pudemos notar que a heterogeneidade tipológica não se relaciona diretamente com o grau de eficiência dos textos, uma vez que não é a utilização desta ou daquela tipologia que vai garantir eficiência à redação, mas a relação que têm as escolhas tipológicas com o todo do texto, admitido enquanto uma totalidade significativa. Dessa forma, houve uso freqüente da seqüência narrativa tanto no início do texto, no primeiro parágrafo, com o objetivo de situar a idéia que será apresentada na introdução na linha do tempo e do espaço, assim como identificamos a recorrência da utilização de seqüências argumentativas nas etapas de desenvolvimento e conclusão.

No entanto, essa recorrência não tem relação imediata com o grau de eficiência dos textos, uma vez que tivemos redações que utilizaram quase que exclusivamente seqüências narrativas (vide exemplo OP32, T 17, 17.25) e que, ainda assim, obtiveram conceito eficiente (nota equivalente a 86%).

Podemos defender, nessa perspectiva, que o uso de seqüências tipológicas variadas é uma característica do gênero *redação do vestibular* e, por isso, não há necessariamente uma relação do uso de uma seqüência em detrimento de outras com o grau de eficiência dos textos, uma vez que as escolhas das

seqüências têm que estar em consonância com o texto em sua totalidade. Este, por sua vez, tem que estar configurado de forma a atingir seu propósito comunicativo, que é atestar habilidade lingüística por meio de um texto formal, escrito, a respeito do tema exigido pela banca, a fim de que o candidato obtenha aprovação em concurso de vestibular.

Por fim, podemos dizer que o grau de eficiência dos textos está correlacionado à sua aproximação com o que se convencionou definir como discurso acadêmico. Entretanto, como vimos, o uso de tipologias textuais variadas não compromete a realização de um discurso que se aproxima do acadêmico, porque esse não estabelece distinções quanto ao uso de seqüências únicas, admitindo a heterogeneidade tipológica constitutiva.

#### **6.3.1.2. Argumentação**

Nessa parte, trataremos dos movimentos argumentativos constantes do *corpus* e sua relação com o discurso acadêmico, incluindo a discussão sobre a adoção de argumentos padronizados, de perguntas retóricas e de argumentos criativos.

Para procedermos à discussão desses itens, cabe definir que, como vimos no item 6.1.2, a estrutura argumentativa recorrente em cada grupo da amostragem é peculiar, apesar de retratarem ou serem materializações de um modelo geral, que estaria refletindo nossa cultura.

Começaremos pela abordagem da estrutura argumentativa recorrente no Grupo 1, que compreende os textos da Universidade Federal de Viçosa. Os resultados da análise mostraram ser relevante para a atribuição do grau de eficiência dos textos a maneira como o produtor trabalha a relação da inveja, tema da prova da UFV, com a atual conjuntura social, se ele parte do todo da sociedade ou se ele aborda simplesmente a inveja no tocante às relações interpessoais. As relações interpessoais, inclusive, estão ligadas à questão da subjetividade, relacionadas ao indivíduo, fato que pode contribuir para o distanciamento de certos textos, que apresentam argumentos de ordem interpessoal, em relação ao

discurso acadêmico. Isto poderia acontecer, porque, como vimos, este tipo de discurso tem a pretensão de ocultar o enunciador, produzindo, assim, a utopia da transparência discursiva, típica desse tipo produção escrita.

Ainda abordando os movimentos argumentativos dos textos do Grupo 1, identificamos a existência de um modelo argumentativo recorrente, com uma estrutura em que são acoplados argumentos de teor apreciativo, com intensas marcas de afetividade, incluindo até julgamentos de valor. Entretanto, este modelo não está correlacionado à avaliação dos textos como eficientes.

Quanto ao Grupo 2, composto de textos da Universidade Federal de Ouro Preto, percebemos que é recorrente a justaposição de argumentos dicotômicos e de argumentos com teor de afetividade. Como vimos, a não inclusão de algumas redações nesse modelo pode assegurar um diferenciado grau de eficiência destes textos, fato que foi exemplificado pelas redações OP 31, T 16, 16.75, que apresentaram uma tomada de posição nítida a favor do desenvolvimento tecnológico. Embora também apresentem argumentos dicotômicos, os produtores destes textos não embasam a configuração argumentativa de seus textos nos mesmos.

Sendo assim, quanto ao Grupo 2, podemos dizer que há um modelo em que temos: a apresentação de uma tese; apresentação de argumentos dicotômicos (a favor e contra a tese, sendo isso expresso por algum par dicotômico); apresentação de uma amplificação (exemplificação, generalização); apresentação de efeitos (factuais, afetivos, subjetivos); e, por fim, a retomada da tese inicial, com o objetivo e se apresentar o desfecho do texto. Quando esse modelo inclui seqüências ou argumentos de teor afetivo, ele passa, então, a pertencer ao modelo recorrente. E, acima de tudo, esse modelo dotado de teor afetivo, passa a ser tomado pela banca como não eficiente. Podemos inferir, com isso, que essa marcação da subjetividade pode estar fazendo com que o texto da *redação do vestibular*, no tocante aos movimentos argumentativos, se afaste do que se toma como discurso acadêmico, por ser este, como vimos, um discurso que tende ao apagamento do sujeito, incluindo suas percepções valorativas, seus sentimentos, seus afetos, suas emoções. Uma vez que essa marcação de subjetividade não garante ao texto um grau de objetividade, típico do discurso acadêmico, pode haver, por parte da banca, o não reconhecimento da eficiência destes textos.

Com relação aos movimentos argumentativos no Grupo 3, que compreende textos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, podemos afirmar que há também recorrência de utilização de argumentos dicotômicos acoplados a argumentos de teor afetivo. Isso ocorre também, como vimos, nos outros dois grupos de textos formadores do *corpus* de análise. Isso pode ser lido como uma tendência ao não posicionamento com relação ao tema, daí a apresentação de argumentos que se constituem por dois pólos, contrários, porém complementares e interdependentes. Essa não tomada de posição pode retratar um afastamento do discurso acadêmico, uma vez que este tende ao objetivismo, e, sendo assim, à tomada de posição.

Além disso, o fechamento dos textos, dentro esse modelo de recorrências, realizado por um argumento de cunho afetivo, também nos indica um afastamento do discurso acadêmico, devido ao fato de que este pressupõe uma estrutura argumentativa constituída por argumentos racionais, objetivos e não afetivos.

Em um site direcionado ao público pré-universitário<sup>25</sup>, são apresentadas dicas de como se estruturar bem uma redação, e, quanto à constituição da argumentação, enfatiza-se que:

Lidos os textos e entendida a proposta, o estudante pode anotar em um papel as idéias que vai desenvolver e montar um esquema lógico, lembrando de separar em tópicos o que quer dizer na introdução e na argumentação.

Dois pontos expressos acima são de extrema relevância para a nossa discussão. O primeiro é a preocupação com a montagem de um esquema lógico para o desenvolvimento das idéias acerca do tema proposto, o que demonstra uma preocupação com a manutenção da lógica na construção das idéias, o que vai absolutamente ao encontro da concepção de discurso acadêmico. O segundo é a separação das noções de introdução e argumentação, buscando-se estabelecer uma diferenciação entre as etapas que denominamos apresentação da tese e desenvolvimento da mesma. Argumentação, para o autor da reportagem, é o movimento de apresentação de idéias no decorrer do desenvolvimento do texto, enquanto que, para nós, é um processo que se relaciona a todas as idéias do texto, de forma geral, incluindo a configuração da idéias apresentadas na introdução, no desenvolvimento e no fechamento do texto.

---

<sup>25</sup> Site [www.universiabrasil.net](http://www.universiabrasil.net), em 20 de dezembro de 2006.

Podemos afirmar que esse modelo real de textos adotado pelos candidatos brasileiros para produzirem a *redação do vestibular*, em que se acoplam argumentos contrários e complementares a argumentos e cunho afetivo, retrata o não objetivismo da cultura brasileira.

A citação abaixo, trecho de uma reportagem retirada de um site destinado também ao público pré-universitário<sup>26</sup>, apresenta de forma nítida o fato de que a existência da criatividade no gênero *redação do vestibular* é algo valorizado pelas bancas, como vimos no item 6.1.2.4, é, por isso, está sendo incentivado:

Ao relacionar as informações, o candidato deve tentar imprimir a sua opinião sobre o assunto, quase sempre polêmico. Vale ressaltar: a originalidade é um dado importante. Não é preciso exagerar e correr o risco de se enrolar, mas devem-se evitar frases-feitas e argumentos prontos. A capacidade crítica do aluno é um grande ponto a ser levado em conta.

Com relação aos argumentos criativos, podemos afirmar que retratam também aspectos culturais e são, talvez por isso, valorizados pelas bancas, se estiverem sendo utilizados juntamente com os outros aspectos constituintes do gênero *redação do vestibular*, em sua forma eficiente.

Quanto às perguntas retóricas, cabe salientar que são utilizadas com propósitos vários, como vimos, o que não compromete sua adequação ao discurso acadêmico, se estiverem em consonância com o todo do texto e estiverem, acima de tudo, em consonância com o propósito comunicativo do gênero, que se relaciona ao poder argumentativo do candidato, por ser este um instrumental para se interpelar a banca a fim de se obter aprovação em concurso vestibular.

### 6.3.2.

#### **A *redação do vestibular* em termos de processos sociais e o discurso acadêmico**

Nessa etapa da discussão dos resultados, abordaremos a *redação do vestibular* em termos de processos sociais. Para tanto, discutiremos três principais questões: se o uso constante de marcas de explicitação do contexto (Biber, 1988, Oliveira, 1997, 2002) está contribuindo para a construção de um texto pouco acadêmico; se o uso pouco freqüente de *nominalizações* (Halliday, 1994) está, da mesma forma, contribuindo para a realização de um texto pouco acadêmico; e, por

<sup>26</sup> Site [www.universiabrasil.net](http://www.universiabrasil.net), em 20 de dezembro de 2006.

fim, se o uso pouco freqüente de marcas de subjetividade está determinando a realização de um texto que atende às exigências do discurso acadêmico.

### **6.3.2.1. Marcas de explicitação do contexto**

Como vimos no item 6.2.1, as marcas de explicitação do contexto foram muito freqüentes no *corpus*, o que pode estar retratando um discurso pouco acadêmico, uma vez que os princípios desse tipo de discurso se baseiam em uma idéia de universalidade, que, por isso exclui marcas que exteriorizam a realidade social, os indivíduos, o espaço e o tempo.

No entanto, a natureza das entradas lexicais, juntamente com sua freqüência, indicam a retratação de um sistema de representações atuais, que giram em torno da aceção das idéias de realidade social, de indivíduos, de espaço e de tempo.

Dessa forma, podemos dizer que, embora a intensa ocorrência dessas marcas retrate a constituição de um texto que não se insere completamente no modelo do discurso acadêmico, a natureza e a freqüência dessas ocorrências refletem a nossa realidade, construída por um sistema de representações.

### **6.3.2.2. Nominalizações vs. Processos**

O pouco uso de *nominalizações* em oposição ao uso freqüente de *processos* (Halliday, 1994), demonstra que a materialização do gênero *redação do vestibular* em forma de texto não está em consonância com as exigências do discurso acadêmico. Este tipo de discurso tende à abstração dos fatos, alcançada muitas vezes através do uso de *nominalizações* e não através de *processos*, que marcam um discurso mais concreto e informal, centrado em ações.

Cabe ressaltar, no entanto, que, apesar de menos freqüentes do que os *processos*, o número de *nominalizações* é expressivo e pode estar indicando, nas *redações do vestibular*, a passagem de um discurso menos formal para um mais formal. Esse pode ser um fator fundamental que nos leva a considerar a *redação do vestibular* como um gênero pré-acadêmico (Oliveira, 1997), ou seja, apresenta

tanto aspectos de construção formal quanto informal, e outras características que podem enquadrá-lo parcialmente no discurso acadêmico ou distanciá-lo deste. Assim, o gênero *redação do vestibular* pode ser mais especificamente denominado, em termos do discurso acadêmico, como um gênero pré-acadêmico.

### **6.3.2.3. Marcas de expressão da subjetividade**

Nessa parte, discutiremos a marcação da subjetividade no gênero *redação do vestibular*, confrontando essa questão às exigências do discurso acadêmico.

Como percebemos, foram observados nos textos poucos tipos de marcação da subjetividade, ou seja, itens como *eu* e *nós*, *meu* e *minha*, *nosso* e *nossa*, em comparação com o número de itens que indicam a não marcação da mesma, como verbos no infinitivo, gerúndio, particípio, verbos impessoais.

A maior frequência de não marcação da subjetividade pode estar em consonância com as exigências do discurso acadêmico, por ser este um discurso que tende a exteriorizar visões universais, olhares generalizadores, que não estariam cumprindo seus objetivos caso sejam apresentados por meio da materialização em um texto que explicita a voz do enunciador, por meio das marcações de subjetividade.

Estes resultados, se relacionados ao discurso acadêmico, servem para enfatizarmos a classificação do gênero *redação do vestibular* como sendo um gênero pré-acadêmico, por mostrar pontos de confluência e pontos de dissonância com as exigências do discurso acadêmico.